

A Defesa Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

Redactor-chefe A. PAMPHIRO — Redactor-secretario MARIO TRAVASSOS — Redactor-gerente JORGE DUARTE

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: — RUA DA QUITANDA, 74

ANNO XIII

Rio de Janeiro, 10 de Novembro de 1926

N. 155

Grupo mantenedor

A. Pamphiro, Mario Travassos, Jorge Duarte (Redactores) *T. Araripe, J. B. Magalhães, João Pereira* (da Redacção) *Luiz Procopio, Dracon Barreto, P. E. Pies, Alcindo Pereira* (da Administração) *Paes de Andrade, Sílio Portella, Nilo Val, Scheleder, Eurico Dutra, Orozimbo Pereira, Eloy Catão, Francisco Fonseca e C. C. de Abreu.*

Edição de 52 paginas

SUMMARIO

EDITORIAL:

As nossas esperanças

COLLABORAÇÃO

- A Evolução Política do Brasil Cap. *J. J. Veríssimo.*
O Problema do Sargento 1.º Ten. *T. Araripe.*
Mecânica de Reparos Cap. *C. de Abreu.*
O F. M. mod. 1924 (Trad. commentada) Cap. *J. Pereira.*
Ligações da I. — A. Cap. *Sayão Cardoso.*
A Proposito do Problema da Remonta Cap. *J. B. Magalhães.*

DA REDACÇÃO

Um Exercito eficiente e integrado na Nação
— O corpo de doutrina de nossos ultimos editoriaes — «Suggestões» — O Thema a Premio — Abrindo uma questão — As nossas edições — Novos dias — A matricula na E. M. — Subsidio para os quadros de Reserva — Bibliographia e Expediente.

Representantes da "A DEFESA NACIONAL"

Na Marinha de Guerra

Cap. Ten. Braz Velloso

Nos Quadros de Reserva

Cap. Gonçalves Valença

No Rio de Janeiro

E. M. E. — Cap. A. Pamphiro
D. M. B. — Ten. Floriano T. Homem.
D. G. I. G. — Ten. Cel. Paulo A. Bastos.
Ars. Guerra — Ten. Rafael Danton.
Fabr. Cartuc. — Cel. Machado Vieira.
M. M. F. — Ten. Panasco Alvim.
E. E. M. — Ten. Jorge Duarte.
E. A. O. — Cap. de Moraes.
E. V. E. — Cap. Dr. J. Benevenuto Lima.
E. M. — Cap. Orozimbo Pereira.
E. M. — Alumno Octacilio Silva.
E. S. I. — Ten. Rollim, Sgt. Escolastico.
C. M. — Ten. H. Sarmiento.
1.º R. I. — Major Pedro Angelo.
2.º R. I. — Cap. Vicente Formiga.
3.º R. I. — Cap. Pedro L. Campos.

C. C. C. — Ten. João C. Gross.
1.º R. C. D. — Ten. Flóriano Portugal.
15.º R. C. I. — Cap. Soares da Silva.
1.º R. A. M. — Ten. José Candido Muricy.
2.º R. A. M. — Ten. Antonio Maráu.
1.º G. A. Mth. — Cap. Silvino Campos.
1.º G. I. A. P. — Ten. Vasco Secco.
1.º B. E. — Ten. Bettamio.
1.ª Cia. F. V. — Ten. Antonio Bastos.
Fort. Sta. Cruz — Cap. Ary Luiz.
Fort. S. João — Cap. H. Portocarrero.
Fort. Copacabana — Ten. Julio Lebon Regis.
Fort. Vigia — Cap. F. Fonseca.
Fort. Lage — Cap. Octavio Cardoso.
Regimento Naval — Sgt. Santino Correia de Queiroz.
Pol. Mil. — Cap. Souto Maior.

Fóra do Rio de Janeiro

Q. G. 2.ª D. I. — S. Paulo — Cap. A. Roszanny.
Q. G. 3.ª D. I. — P. Alegre — Cel. Amilcar Magalhães.
Q. G. da Circ. de Matto-Grosso — Cap. Pinto Pacca.
Q. G. 5.ª R. M. — Curityba — Ten. Altamirano Pereira.
Fabr. de Polvora — Piquete — Ten. Léo Cavalcanti.
Ars. Guerra — P. Alegre — Cap. F. Correia Lima.
C. M. — P. Alegre — Ten. Nestor Souto.
4.º R. I. — Quitaúna — Ten. Alvaro de Oliveira.
8.º R. I. — Cruz Alta — Ten. Carlos Martins.
11.º R. I. — S. João d'El Rey — Cap. Lucio Ferreira.
12.º R. I. — B. Horizonte — Cap. Luiz G. S. Leão.
13.º R. I. — Ponta Grossa — Ten. Guilhermino dos Santos.
4.º B. C. — S. Paulo — Ten. Salgado dos Santos.
7.º B. C. — P. Alegre — Cap. Jeronymo Braga.
15.º B. C. — Curityba — Ten. Domingues dos Santos.
19.º B. C. — Bahia — Ten. Cruz Cordeiro.
21.º B. C. — Recife — Ten. Oliveira Leite.
24.º B. C. — S. Luiz — Ten. José Maria Rodrigues.

2.º R. C. D. — Pirassununga — Alcides Lauriodo.
4.º R. C. D. — Trez Corações — Ten. Celso Pedra Pires.
2.º R. C. I. — S. Borja — Ten. Osorio Tuyuty.
9.º R. C. I. — Jaguarão — Ten. Lelio Miranda.
10.º R. C. I. — Bella Vista — Cap. M. G. Nogueira.
R. A. Mixto — Campo Grande — Ten. Cid. Oliveira.
5.º R. A. M. — Sta. Maria — Cap. Osvino Alves.
6.º R. A. M. — Cruz Alta — Ten. Ismar Escobar.
3.º G. I. A. P. — Margem do Taquary — Cap. Americano Freire.
5.º G. A. Mth. — Valença — Ten. Anisio Montarroyos.
1.º G. A. Cav. — Itaquy — Cap. Euclides Sarmiento.
3.º G. A. Cav. — Bagé — Cap. Asdrubal Escobar.
Forte Marechal Luz — Ten. Francisco C. Cavalcanti.
Forte de Itaipús — Ten. Abelardo Marcondes.
Florianopolis — Ten. Zoroastro Firmo.
Força Publica de S. Paulo — Ten. Julio Salgado.
Força Publica do E. do Rio — Cap. Silveira do Prado.
Força Publica do Ceará — Ten. Osimo de A. Lima.

BASTOS DIAS Rua Sete de Setembro, 203

Secção de Artigos Photographicos

Apparelhos photographicos, objectivas e todos os pertences para a photographia.

Secção de Drogaria

Drogas em geral e productos chimicamente puros para analyses de Merck e Kalbaun

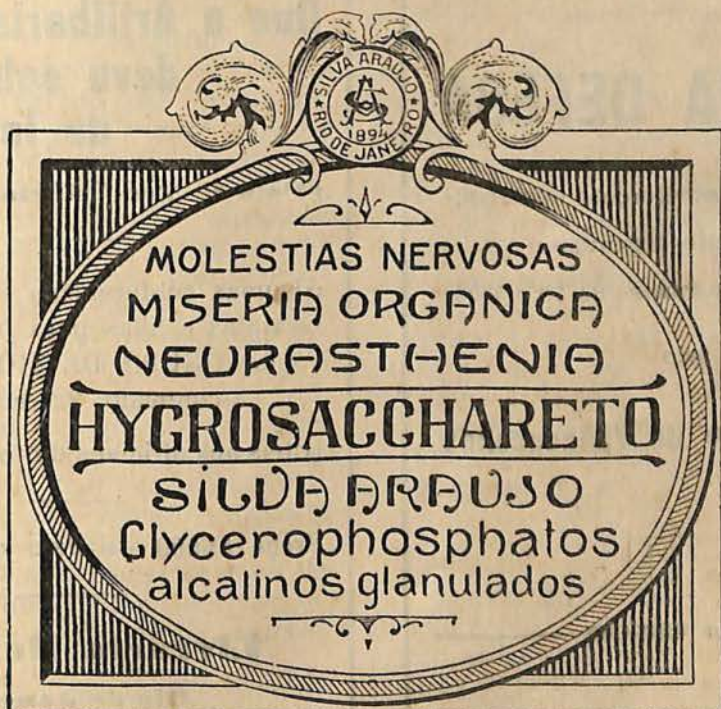
Secção de Gravura

Apparelhos e todos os artigos para gravadores.

Agente Geral dos Snrs. A. W. Penrose & Cia.

Apparelhos e artigos em geral para gravadores

Representante de La Verrerie Scientifique - Paris
Apparelhos a vapor de Mercurio para todos os trabalhos.



MOLESTIAS NERVOSAS
MISERIA ORGANICA
NEURASTHENIA
HYGROSACCHARETO
SILVA ARAUJO
Glycerophosphatos
alcalinos glanulados

Instrucção do Soldado

Pontos principaes da instrucção da tropa)

Pelo Cap. DERMEVAL PEIXOTO

Estão á venda os primeiros fasciculos separata da 5.^a edição deste livrinho indispensavel aos candidatos á reservista do Exercito das *Sociedades de Tiro e Estabelecimentos* onde ha instrucção militar.

Completamente remodelado e em dia com os *recentes regulamentos*, abrange o programma completo da *Escola de Soldado* de accôrdo com os novos ensinamentos.

Como *livro para recrutas* encerra todos os ramos de sua instrucção, expostos methodica e succintamente de modo a poderem ser lidos e entendidos por elles proprios.

Fasciculos publicados:

- I — A Educação Moral do Soldado.
- II — A Instrucção Geral.
- III — A Instrucção Disciplinar e de Serviços
- IV — A Instrucção Physica e Treinamento de marcha.

Annexo — Organização do Exercito.

Fasciculos a seguir:

- V — A Escola do Soldado e do Grupo.
- VI — Armamento e Tiro.

A Papelaria Macedo - Rua Quitanda, 74 - Rio

Accita encomendas.

Preço de cada fasciculo . . . 1\$000
Os I, II, III e IV, reunidos . . . 3\$000

A MINHA DEFESA

Replica ao Tenente-Coronel Beverina,
do Exercito Argentino,
a proposito da Campanha de 1851-1852

pelo

Cap. Genseric de Vasconcellos

Preço 2\$500

Collocação em vigilancia da bateria por meio do goniometro e da plancheta topographica

pelo

1.^o Ten. Fernando Fonseca de Araujo

A' venda em nossa Redacção

(Rua da Quitanda 74)

Preço: 5\$000. — Pelo Correio mais \$500

Que a Artilharia deve saber da Infantaria ?

(Pelo 1.^o Ten. Mario Travassos)

Algumas conferencias sobre a carta,
escriptas e lidas para os officiaes do
1.^o GRUPO DE MONTANHA,
contendo 22 croquis.

(Uteis aos officiaes de todas as armas)

Preço 5\$000 — Pelo correio 5\$500

Livraria Briguiet

Rio de Janeiro

A Defesa Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

Redactor-chefe A. PAMPHIRO — Redactor-secretario MARIO TRAVASSOS — Redactor-gerente JORGE DUARTE

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA DA QUITANDA, 74

ANNO XIII

Rio de Janeiro, 10 de Novembro de 1926

N. 155

EDITORIAL

As nossas esperanças

Quando estiver circulando este numero de *A Defesa Nacional* o Governo da Republica estará passando de mãos. Mais um cidadão brasileiro terá tomado sobre seus hombros a complexidade do problema de ajustar as tumultuarias energias de nossa nacionalidade em evolução dos innumerables designios da Patria Brasileira.

Novos valores se terão agrupado em torno do novo Presidente. Novas esperanças se terão erguido das cinzas de todas as desillusões, pelo menos para os que sincera e honestamente passam a vida dedicados ao Brasil maior e mais forte. A Nação — como sempre acontece — estará vivendo esses momentos quadriennalmente repetidos em que, magnanima, tudo ella esquece, em que toda ella se projecta para o futuro num assomo confiante de consolidação, de aperfeiçoamento, de ordem e progresso.

No meio de todas as galas e hosannas, porém, aos videntes do patriotismo não passará despercebido vulto grandioso mas modesto, armado mas sereno, impavido mas dilacerado, que a tudo assistirá com a attitude apostolica dos que acabam de fazer obra sobre-humana, esquecidos de si mesmos, sem vislumbre de recompensa — só pela Patria.

Será elle o do Exército Nacional — o grande martyr das convulsões que agitam a sociedade brasileira — desses que se não aviltaram ante os caprichos

torpes dos poderosos nem se deixaram engodar pela insania dos politiqueiros.

Ao lançarmos essas linhas — com os olhos fitos no perfil gigantesco desse vulto cujos contornos se esbatem na propria Nação, contornos refulgentes por que definidos pelo desinteresse e pela convicção das attitudes — já temos a consoladora certeza de que á frente dos Negocios da pasta da Guerra está um dos chefes mais representativos do Exército Nacional. A confiança que nos merece o novo titular não exclue, todavia a necessidade de criar-se ambiente para suas actuações, para o exercicio efficiente de suas capacidades, para a victoria do seu saber e da sua experiencia, do seu senso administrativo e organisador, ao seu entranhado amor ao Exército e á Patria. E queremos dizer o que seguramente diria esse «grande mudo», esse *soffredor silencioso* ou seja recapitular suas velhas aspirações agora reforçadas e tornadas imperiosas pelo evoluir da vida nacional. •

*
**

Dessas aspirações — que todas as conhece o novo Ministro da Guerra por isso que passou sua carreira sentindo-as comnosco — tres dellas se apresentam capitales, não só pela importancia absoluta de cada uma como pela reciprocidade que traduzem se tomadas em conjuncto,

constituindo verdadeiro triangulo de sustentação de tudo mais que se possa emprehender.

A primeira — *a unica verdadeiramente decisiva* — pode-se enunciar com a urgencia de possuirmos, no menor prazo, um *quadro de officiaes efficiente, que mereça a confiança e o respeito unanimes da Nação*. Nada mais justo se «*o espirito do Exercito reside em seus officiaes*» na phrase do velho general prusiano. Quanto temos feito tem sido mais ou menos illusorio porque não o assentamos sobre tal fundamento — as reformas se fazem mas não ha, em numero sufficiente, quem seja capaz de executal-as com ardor e consciencia.

A segunda, não menos urgente, é a *existencia de reservas numerosas e instruidas*. Nada mais racional se realmente queremos fazer o poder militar do Brasil. Os exercitos modernos valem principalmente por suas reservas. E é preciso não esquecer que se não trata apenas de possuir reservistas mas, ainda, officiaes de reserva; que se não trata apenas de arregimentar reservas combatentes mas, tambem, pessoal de reserva para os multiplos serviços do exercito mobilizado.

A terceira é a *questão do material de guerra*. Evidentemente, a efficiencia da defesa militar da Nação vae depender — *depois de assegurada a capacidade moral e profissional do commando, das tropas e dos serviços* — da disposição do material. Sem que os nossos corpos de tropa e órgãos dos serviços disponham do material de guerra necessario não se poderão instruir nem mobilisar para attender á missão extrema da defesa nacional.

Muito de proposito deixamos em ultimo lugar essa questão. Com isso queremos dar provas de que muito ha a fazer-se sem a consumação *immediata* de grandes creditos e que, portanto, as difficuldades financeiras não bastam para justificar o descalabro militar. Depois, para demonstrar que se póde tratar de organizar militarmente a Nação livre de preconceitos armamentistas ou militaristas.

**

Eis a triologia que, attendida, será capaz de criar para o proximo governo a gloria de uma administração militar de fecundos e arraigados effeitos.

Para que essa triologia encontre completa satisfação e se mostre como um forte conjugado será ainda preciso entreter o equilibrio das acções desencadeadas mediante duas outras forças compensadoras: — a *Missão Militar Francaza reorganizada sobre bases mais solidas e mais amplas, mais efficazes e o Conselho de Defesa Nacional instituido desde logo como o meio mais seguro de integrar de vez o Exercito na Nação*.

Tudo isso, dir-se-á, são apenas ideias magnificas para a elaboração de um editorial, mas... onde os homens para adptal-as, para executal-as.

Ao nosso vêr elles existem, faltando-lhes tão somente ambiencia. Se o chefe do Governo quizer — como asseverou á Nação em sua plataforma — restaurar a efficiencia militar do Brasil, não lhe faltará o concurso decidido de algumas gerações de officiaes de todos os postos e de todas as idades, agora que acaba de acertar com um chefe á altura das necessidades prementes do Exercito: — *administração honesta, justiça, competencia profissional*. Ha valores inestimaveis em nossos quadros de officiaes. Crie-se o regimen do estafado mas real «*the right man, in the right place*» e o milagre se fará.

Nunca, como no presente momento, os destinos do paiz — no interior como no exterior — dependeram tanto da estabilidade, da efficiencia do Exercito. Em nenhum outro instante da vida nacional a estabilidade, a efficiencia do Exercito dependeram tanto da visão, da energia esclarecida e justa da pessoa do Presidente da Republica. Não ha noticia de nenhum outro momento em que o Exercito Nacional — estarrecido pela derrocada, sedento de justiça, quasi morto sob o peso da consciencia de suas graves responsabilidades — esperasse tanto de um homem de governo.

Que a mentalidade miliciana de nossos homens publicos se desvaneça deante a vontade de um só homem e que este seja capaz de sentir o Exercito Nacional sob o triplice aspecto de sua função social, politica e militar. O resto faremos nós — o Exercito — cerrando fileiras em torno do illustre chefe a cuja experiencia e patriotismo foi entregue o Ministerio da Guerra.

O corpo de doutrina dos nossos ultimos editoriaes

O que fizemos —

O que nos resta fazer

«Infelizmente, porem, nem tudo tem a necessaria significação pratica. As circumstancias ambientes se oppõem ainda á realisação integral de todas as conquistas realmente apprehendidas. Pode dizer-se que existe um Exército no papel e outro, de muito differente deste, na realidade dos factos.

Mas, não podemos negar que é uma consoladora constatação saber-se que o Exército Nacional já existe em projecto, por isso que ha um corpo vasto de regulamentos, uma completa montagem de órgãos sem os quaes elle não poderia existir de nenhum modo.

A traducção verdadeira desse phenomeno singular é que, quanto dependia exclusivamente dos constructores do Novo Exército foi feito, com a galhardia convicta de um crescimento endogeneo, inapercebido mas vitalizador. A organização do Exército está virtualmente feita. A nova jornada que nos cumpre é integralisar na Nação o Exército que construímos.

Até aqui bastou que agissemos no interior ignorado das casernas, ao só dos campos de manobra, no trabalho de colmeia dos Estados Maiores, das Fabricas e dos Arsenaes. Fez-se a cruzada propriamente militar, organisou-se o Exército. Agora devemos lançar nossa actividade para fundar as bases da organização militar da Nação».

«Que todos saibam que não ha Exército, que não ha defesa nacional emquanto se esperar das instituições armadas do paiz que actuem d'essa ou d'aquella fórma, ao sabór das correntes partidarias. Que todos sintam que o Exército nada é sem a intima e constante participação de todas as manifestações civis da Nação. Que o que se chama correntemente de Exército não é senão o aparelho de enquadramento das possibilidades nacionaes,

na paz como na guerra. Que o nosso problema militar não é mais, somente, não pode ser mais, apenas, fazer e manter esse Exército, mas organizar a defesa nacional tão bem que se chegue com isso a integralisar-o na propria Nação, da qual será elle o symbolo de suas conquistas politicas e sociaes, no interior como no exterior do paiz.

Extingiu-se a antiga milicia que possuíamos até 1908, mas o Exército Nacional que se instituiu ainda não mergulhou suas raizes na sociedade brasileira, espalma sua fronde vencedora na mentalidade miliciana que ainda é a da população civil. Olhamo-nos como uma instituição nacional, emquanto que as classes civis continuam a olhar-nos como se milicia fossemos. Emquanto isso se verificar, o Novo Exército não sahirá do papel, nem cessará completamente todo o mau estar que pesa sobre as nossas forças de terra».

«Em primeiro lugar quebrems o vicio mental de suppôr-se que defesa nacional é competição de armamentos, é allucinação nacionalista ou transformação da sociedade num immenso quartel. Mostremos á Nação que o problema da sua defesa militar é um caso tão concreto como o da sua defesa economica, agricola, industrial ou sanitaria. Independe de quaesquer manifestações do sentimento, emerge de characteristics geographicas e historicas, funda-se em razões de ordem scientifica. O Brasil tem o seu problema militar como o seu problema de viação, de hygiene, de finanças, como todos os seus outros problemas, com armamentos ou sem elles, haja nacionalismo ou não, sejam todos paisanos ou soldados.

Em segundo lugar demonstremos, a todos os brasileiros de boa vontade, que já é tempo de fixarmos o nosso problema militar, para que sintamos a sua complexidade, de quanto estamos longe do aparelhamento moral, material e technico que elle exige. Em consequencia disso formu-

lemos o programma militar do Brasil que será a demonstração, em detalhe, de tudo que ainda nos resta fazer».

(Editorial — Maio-Junho)

*
**

Deve-se reeducar

o espirito Militar da Nação

«O aspecto de character mais urgente da grandiosa obra da nossa definitiva restauração militar é o de se convencerem todos — militares e civis — da gravidade do nosso problema militar e ao mesmo tempo da importancia que assume para a vida politica e social da Nação a estabilidade e eficiencia de suas forças armadas.

Para se chegar a conseguil-o ha que se fazer verdadeiro, sincero, consciente esforço de reeducação da mentalidade dos militares, como da mentalidade militar dos civis. Sem que se tenham rompido alguns preconceitos que escravizam os pensamentos e as acções de todos, nada se concretizará dos elevados ideaes que, temos a certeza, inspiram a melhor parte da nossa gente».

«Nenhum outro apparelho tanto como o Exercito Nacional se apropria a representar o manancial de todas as energias reeducativas necessarias, a forjar os modelos a serem imitados pelos novos e respeitados pelos velhos.

Quando se diz que se deve afastar o Exercito da politica, o que se quer é assegurar-lhe a serenidade e a autoridade moral para o exercicio desta excelsa funcção. Embora saibamos da inconsciencia ou da falsidade da maior parte dos que lançam á circulação das ideias essa phrase já por demais estafada, naquelle sentido é que devem tomal-a os que dedicam o melhor de suas forças á grandeza do Exercito e da Patria».

«Paiz novo como somos, o nosso Exercito póde e deve continuar a intervir, como sempre, na vida da Nação. *Apenas, os methodos e processos é que pódem e devem ser outros*».

«Actualmente, porem, o official brasileiro dispõe da conscripção e da instituição do officialato de reserva, como dois poderosos meios de minar e destruir todas as deficiencias administrativas, todos os maus habitos politicos que infelicitam e até mesmo degradam a Nação. Basta esforçar-se por tornar realidade essas duas formidaveis armas — dar eficiencia á organização do Exercito e á organização militar da Nação — para que possa refundir, reeducar de modo completo e radical o espirito de nossa gente.

Alem disso, nos tempos actuaes, as acções pela força têm repercussões que as de outras epocas não podiam produzir. As relações internacionaes, o vulto das nossas transações commerciaes, o desenvolvimento economico e industrial do paiz, são de tal monta que se faz mais mal do que bem quando se parte a gume de espada um fio que seja d'essa complexa urdidura.

O official brasileiro deve ser o sacerdote sereno e convicto da resurreição nacional, fazendo da Caserna, do Exercito Nacional o templo onde todas as forças nacionaes venham tomar o banho lustral para novas e proveitosas actuações».

«E, antes que terminemos, devemos convir, para que não sejamos injustos, que nem tudo está perdido.

Nos meios civis publicam-se livros, fazem-se conferencias, estabelecem-se cursos, tendo-se em vista dar á massa dos instruidos a consciencia do Brazil.

D'entre os homens publicos ainda ha dos que têm a honestidade administrativa como ponto de honra.

Nos proprios meios politicos, onde o profissionalismo mais abastardou e acalcanhou a alma da Nação, contam-se ainda os que velam — *sem fazer politica com suas attitudes* — pela honra e grandeza nacionaes.

A mocidade academica, essa então, tem sua alma aberta a todas as ideias sadias, seu coração sempre prompto a tornar isochronos os seus movimentos com o rithmo das aspirações nacionaes. Ainda agora acaba de proval-o, respon-

dendo com sua presença nas praças de exercicios ao appello que *um só official* lhe fez para que concorresse á formação dos nossos quadros de reserva».

«Que todos saibam que é tão ultrajante, para nós, fazer e depôr situações politicas, como se capangas fossemos das facções disputantes, do mesmo modo que foi para o Exercito de 87 pegar escravos foragidos, fazendo de capitão do matto; que todos se convençam de que nossa missão deve pairar muito acima dos interesses e paixões politicas e que é mais honroso e mais bello reformar a Nação, sem nada destruir, pela catechese, pelo exemplo, pela transfusão emfim, de ideaes sãos, da pratica do dever nacional constante.

Tratemos de orientar o Exercito Nacional para os altos objectivos de sua finalidade politica, social e militar para que possamos elevar o Brasil á altura de seus incomparaveis designios.

Não malbaratemos mais a nossa actividade, as nossas possibilidades, o nosso immenso amôr ao Brasil».

(Editorial — Julho)

*
**

Um só ideal — frente unica

«Em nosso paiz, ainda não conseguimos realizar a interpretação das duas formidaveis entidades que são a Nação e o Exercito.

E' que ainda não sentimos as reacções reciprocas entre a Paz e a Guerra. Vivemos de formulas sentimentaes, alheias ás realidades historicas e geographicas que representamos e que nos cercam. Falta-nos o criterio scientifico para nos organisarmos em potencia ponderavel tal qual todos sonhamos para o nosso paiz.

Todo o mundo civilisado gravita em torno de duas phrases de fogo mas que exprimem a lucta como a propria essencia da vida que é a selecção. Uma dellas lançou-a Von Bernhardi — «a guerra é a continuação da politica com as armas nas mãos». A outra, emittiu-a Clemenceau, em plena Conferencia de Versailles — «a paz é a guerra conduzida de outro modo».

Outro não podia ser o resultado da crescente industrialisação da vida moderna em que as competições economicas se tornam cada vez mais intensas. E, em tal scenario, as palavras de ordem são *Organisação e Organisação*. E quando a organisação prima sobre todas as coisas tem-se que reconhecer o Exercito como o grande plasmador da Nação.

De facto; na paz cabe ao Exercito — para a satisfação das necessidades militares do paiz — ser o apparelho de caldeamento social ao mesmo tempo que o condensador das reservas nacionaes; como expressão pratica da soberania nacional é elle o grande estímulo e o grande condensador de todos os crescimentos, de todos os progressos. Na guerra — quando a Nação inteira se mobilisa para a batalha — cabe-lhe enquadrar-a, levar-a nas malhas de sua organisação de campanha á Victoria das proprias armas.

Em resumo — na paz a Nação precisa do Exercito, na guerra o Exercito precisa da Nação. Na paz como na guerra o Exercito tem que ser a espinha dorsal da nacionalidade, sufficientemente forte para que possa articular todos os desdobramentos da vida nacional, flexivel na medida necessaria á homogenisação desses mesmos desdobramentos. Emfim, o Exercito Nacional, como todas as forças que devem representar papel politico-social predominante — tem que pairar acima de tudo e de todos, realizar o esforço apostolico de isentar-se das paixões ambientes, para que possa sentir de perto o rythmo das verdadeiras aspirações da Patria.

E nós ainda não nos capacitamos dessas velhas verdades. Emergimos celementemente da rotina e dos preconceitos que asphyxiavam a nossa nacionalidade, mas ainda não extirpamos do intimo de nós mesmos essas taras retardadoras. Queremos ser uma Grande Nação, mas queremos ser superficial que profundamente. Falta-nos o *esforço decisivo* no sentido de nos organisarmos a fundo, seriamente.

Eis por que a Nação e o Exercito fazem vida parallela tal como se fosse possivel, modernamente, a essas duas entidades progredir apartadas uma da outra. Dahi a maior parte das reacções sociaes que se têm verificado nesses ultimos annos, *reacções que tendem a mu-*

tiplicar-se, á proporção que o paiz evolua para os seus grandes destinos, se não se decidirem os homens publicos pela fusão definitiva da Nação e do Exercito Nacional».

«Os cidadãos responsaveis, embora saibam o que seja esta instituição, sabem-no abstractamente. Praticamente confundem-na com o Exercito Permanente. Só assim pode-se comprehender suas intempestivas e constantes intromissões no que temos de mais caro como sejam as promoções, inclusive as que contribuem para a formação do alto commando, a questão dos effectivos, da repartidão da tropa pelo territorio nacional e muitos outros aspectos vitaes da defesa militar do paiz. Pensam que affectam apenas ao Exercito quando, em verdade, ferem a Nação.

A massa de nossos patricios, quanto não atinja directamente a technica militar — somente porque lhe faltam meios para tanto — ameaça de destruição, com as suas versateis solicitações, a finalidade politico-social do Exercito quando nos reconhece o direito e até o dever de voltar contra nós mesmos as armas que a Nação nos entregou. *Pensam na salvação da Nação mas apenas conseguem degradar-lhe a ossatura que é o Exercito Nacional».*

«Igualmente, falta á totalidade do Exercito Nacional a consciencia profunda das transformações successivas por que tem passado de 1908 para cá — a situação do novo Exercito na Nação.

A essas transformações não presidiu a firmeza que lhes era imprescindivel. Houve sempre a intenção de contemporizar. Todas as medidas pouco tiveram de decisivo. Temos vivido de palliativos, desses que apenas dão ao enfermo a illusão momentanea da saude. Só se tem feito tratamentos locais, deixando-se de lado o estado geral do doente. Nem mesmo nos arriscamos a amputação de certos membros que tem continuado a generalisar a grande infecção de que sofremos».

«A nacionalidade brasileira tem a sua evolução a fazer-se atravez interminavel serie de problemas cujas soluções dependem de caldeação racial, da producção e das communicações, de alphabetisação e educação. Só ha um meio de acelerar essa evolução — é manter-se em equilibrio estavel o meio social.

É a base de partida para atingir-se esse equilibrio está na interpenetração da Nação e do Exercito Nacional — a Nação se desenvolvendo livre de qualquer pressão, o Exercito como a manifestação positiva, affirmativa do seu progresso e da sua segurança.

Porque não consolidarmos nesse *ideal* todas as nossas acções, todos os nossos pensamentos? Porque não cerrarmos todas as nossas energias em torno deste principio? Porque não pleitearmos junto aos cidadãos responsaveis e á massa de nossos patricios o *direito* e o *dever* de organisarmos-nos definitivamente em potencia militar, visando realisar amplamente a nossa *tríplice finalidade social, politica e militar?*

Porque não solicitarmos — num formoso gesto de renuncia — as medidas necessarias para que o Exercito encarne esse ideal e constituamos todos nós a *frente unica* á cuja barra virão morrer todos os preconceitos? Não seria essa a *formula pratica*, e eficiente para o restabelecimento da solidariedade dos militares entre si e entre os militares e civis? Hoje que cada um de nós é responsavel pelos proprios actos; que mais não é possível a solidariedade de fileira, immediata, aggressiva; que a solidariedade não é mais *companheirismo*, mas deve ser disciplina intellectual e moral regida por um alto designio, avultando como um ponto de direcção afastado, não seria esse *unico ideal* a realisacão de *frente unica?*».

(Editorial — Agosto)

*
**

A organisação da Defesa Nacional

«Quando se tem meditado seria e profundamente sobre a situação militar do nosso paiz, pesando o valôr absoluto e relativo de cada um dos preconceitos militares e politicos que lhe constituem grosseira ganga, chega-se facilmente á conclusão de que é inadiavel tratar-se de

organizar a defesa nacional ou seja criar o ambiente em que nenhum daquelles preconceitos possa medrar e produzir suas negativas acções.

Remontando-se dos effeitos para as causas, da analyse para a synthese, verifica-se que sómente a definitiva organização da defesa nacional será capaz de assegurar a *desejada e imprescindivel estabilidade* do nosso depauperado organismo militar, porque, só assim, poder-se-á enquadrar decisivamente as nossas forças armadas na Nação.

E' urgente que a totalidade do Exercito sinta que as suas responsabilidades perante a Nação estão no futuro, no dia incerto em que a soberania, a integridade nacional esteja em perigo; que no presente não ha outra coisa a fazer senão preparar a victoria da nacionalidade sobre as duras contingencias do tragico momento da guerra.

Não menos urgente é para a Nação deduzir quaes são os seus verdadeiros objectivos politicos e quaes os recursos de que dispõe normalmente ou poderá eventualmente dispôr — para que possa fixar o seu *problema* militar e, em consequencia, o seu *programma* militar e naval.

E' que a defesa nacional traduz complexo problema para o qual o Exercito e a Marinha são méras componentes; exige além de medidas *nítidamente militares*, outras de caracter *extra-militar*; requer além de technicos militares capazes, organização social e administração civil concordantes com os objectivos que se tem em vista. Sentimento preciso de taes verdades só poderá existir se a organização da defesa nacional se fizer facto incontestavel».

«Mas fica de pé, em qualquer caso, a *ausencia de systematisação* dos entendimentos entre a technica militar e a technica civil. E a razão principal disso está em que os entendimentos que se registam são em pequeno numero e por conta de repartições subordinadas, tanto militares como civis, isto é, esporadicos e dispersivos. Dessarte, não bastam para organizar a defesa nacional, dar a todos a consciencia do nosso problema militar, distribuir as multiplas responsabilidades militares que um moderno Estado acar-

reta — são insufficientes para dar *estabilidade politico-militar á sociedade brasileira*.

E' que nos falta o *apparelho coordenador* de todas essas manifestações de actividade militar e extra-militar, que por isso se transformam em *agitación*, desorientam-se por escusas veredas e se perdem nos abysmos em que nos debatemos.

Tudo o que fazemos nada significa de util porque as acções em jogo não apparecem como o desdobramento das linhas geraes de um plano entrevisto e fixado pelo Governo da Republica, como a execução methodica e consciente de uma ideia que represente a defesa da nacionalidade, a segurança da Patria»

«O *apparelho* coordenador que nos falta é o *Conselho de Defesa Nacional* — orgão a que caberá determinar o *Plano de Guerra*, a organização militar da Nação, moral e materialmente, logicamente deduzida da situação politica do paiz e das possibilidades de todos os seus recursos.

O *Plano de Guerra* não póde deixar de ser obra do Governo, tanto quanto o *Plano de Operações* é da competencia dos technicos militares. E para que o Governo possa elaborar semelhante documento não bastam os entendimentos communs que o Presidente tem com os seus auxiliares immediatos que são os Ministros. E' por demais evidente que taes entendimentos — pelo menos no que respeita ás pastas militares — são fortemente impregnados do ponto de vista administrativo, ficando de lado grande parte das questões propriamente technicas.

«No dia em que tivermos montado em todas as suas peças o *Conselho de Defesa Nacional*, irradiarão de seu funcionamento, como de poderosa fonte de desconhecidas energias, todas as medidas necessarias para a *organização da defesa nacional* e, assim, ter-se-á dado á Nação e ao Exercito a consciencia ampla e profunda de suas reciprocas responsabilidades, sanando-se todos os prejuizos que proveem do mal entendido doloroso em que se debatem as forças vivas da nacionalidade:

estará criado o ambiente em que nenhum dos preconceitos militares e politicos que nos infelicitam e degradam poderá medrar e produzir suas negativas acções».

(Editorial — Setembro)

*
**

O Conselho de Defesa Nacional

«A criação de um tal Conselho acarretaria evidentemente vantagens incontesteis:

1.^o — Emprestaria ao Estado Maior prestigio e força moral, collocando-o no seu verdadeiro papel de organizador e pondo-o em contacto directo com o alto commando (Presidente da Republica);

2.^o — Impediria a cada ministro que se succedesse de apresentar novo programma, estabelecendo-se desse modo a continuidade necessaria á boa organização das forças armadas, com a execução permanente de um só plano;

3.^o — Permittiria a organização de um plano de conjuncto entre as forças de terra e de mar;

4.^o — Aproveitaria o concurso intelligente dos demais Ministros, cujos espiritos esclarecidos poderiam lembrar alvites ou apontar quaesquer falhas porventura existentes, mormente com relação ao Ministro do Exterior, que inteiramente ao corrente da politica internacional, está em condições de bem orientar o Conselho nas suas resoluções;

5.^o — Finalmente, offereceria maiores probabilidades de se organizar um bom programma, não só pela maior responsabilidade que caberia ao Estado Maior, como também pelo exame mais detido feito por maior numero de homens illustrados e com largo tirocinio pratico.

Não tenho a menor duvida sobre as vantagens do Conselho, porque os factos se incumbem de demonstral-as.

A tremenda guerra que conflagrou a Europa evidenciou a necessidade desses grupamentos de homens intelligentes, tendo a seu cargo o exame e solução de diferentes questões».

(Citado do Relatório do Ministro Cardoso de Aguiar)

«Não nos resta, também, a menor duvida a respeito.

Cremos sinceramente que para se não continuar no regimen dos palliativos, das cataplasmas contemporizadoras é de todo indispensavel inserir as medidas militares no quadro amplo de ideias geraes que só o *Conselho de Defesa Nacional* poderá estabelecer acertadamente.

Cremos, ardentemente, que as medidas decisivas e energicas que devem ser tomadas para organizar definitivamente a defesa militar de paiz, precisam desenvolver-se num ambiente generalizado de consciencia dos problemas que só o *Conselho de Defesa Nacional* poderá criar com segurança.

Cremos, emfim, que o laborioso esforço dos Estados Maiores de terra e mar só terá significação pratica mediante a existencia de um órgão como o *Conselho de Defesa Nacional* que assegura ao Presidente, realmente, o commando das forças armadas da Nação, como uma sorte de Grande Estado Maior.

A instituição do Conselho de Defesa Nacional é obra inadiavel. A machina da nossa defesa militar e naval está, póde dizer-se que montada. Foi a tarefa de alguns administradores de valôr, cada um dedicado a determinado aspecto do problema. Foi o silencioso trabalho de algumas gerações de brilhante officiaes, inexciveis patriotas.

Agora não bastam mais essas actuações particularisadas. A bem dizer, nada ha mais a forjar. Resta-nos o grave problema de rematar a construcção, de engrenar todas as peças e dar-lhes movimento, vida, realidade. E' preciso acção de conjuncto que assegure ás forças armadas e á Nação, tal consistencia militar que nada mais possa affectal-as. Esse é que deve ser o *objectivo* de quem quer que deseje realmente a restauração militar do Brasil, para o qual o *Conselho de Defesa Nacional* será o meio indispensavel e principal».

(Editorial — Outubro)

“SUGGESTÕES”

Neste numero, «A Defesa Nacional» se reserva o direito de utilizar esta Secção. Aqui ficarão reunidos os resultados do exame de nossas collecções, assim como das ideias ambientes prescrutadas pacientemente durante os ultimos mezes.

NOVA LEI DE PROMOÇÕES

Essa é a mais importante das expectativas. O Exercito que trabalha — que ora e vigia como se poderia dizer em linguagem evangelica — está cansado de soffrer preterições, de mourejar eternamente numa carreira lenta e sem estímulos, por maiores que sejam os seus esforços reaes e elevados. Os saltos mortaes da incompetencia por sobre esse trampolim, começam já a lançar o desanimo em quantos, durante annos seguidos de desinteresse e esforço profissional, votaram a sua mocidade, a sua vida aos labores exhaustivos da carreira das armas.

Urge a entrada em accção de nova lei de acesso *justa e rigorosa*, que restrinja ao minimo o arbitrio dos governos, as intervenções politicas, o jogo dos interesses pessoases nas promoções; que assegure aos reaes valores do Exercito o exito que merecem e ao proprio Exercito a criação rapida, nos postos superiores, de chefes capazes e dedicados; que resguarde o generalato, a *formação do alto commando*, de quaesquer prejuizos ambientes de de modo que a *promoção de um General pese tanto ou mais que a nomeação de um magistrado*.

Para a promoção a General além do Curso de estado maior ou de revisão, *no minimo com a nota «Bem»*, dever-se-iam exigir outros requisitos como sejam importancia de commissões exercidas, provas praticas de commando, etc.

E acha-se que a nova lei *deve ser completamente nova de verdade*. Por causa das contemporisações é que chegamos ao estado em que estamos. *Que se faça a nova lei isenta desse espirito*.

Emfim, nova lei de promoções *justa e rigorosa, eis a pedra de toque*.

COMPLETAR O PLANO DE ENSINO

Já se fazem sentir graves inconvenientes com as protelações em se completar o plano de ensino vigente. Embora, com esse plano, tivéssemos entrada definitivamente no regimen logico da especialisação, continuamos, praticamente, a vêr o triste espectáculo do *official para tudo*.

O Exercito actual não pôde mais comportar nos quadros das armas a existencia de chimicos, metallurgistas, electro-technicos etc. nem nas fabricas e arsenaes officiaes de tropa em villegiatura...

E' premente a necessidade da *criação da Escola Technica de Artilharia e Engenharia*, que venha decisivamente pôr termo a serie enorme de disparates que se registam, a esse respeito, em nosso meio militar.

E sob a epigraphe de *completar o plano de ensino* ha razões para incluir outras medidas *visando a melhor efficiencia das partes do plano que já estão em execução*.

A. E. E. M. não pôde continuar a fazer apenas o official de E. M. em campanha. Isso é a *ordem unida* ou o *manejo d'armas* do serviço de E. M. Já é tempo de ir além — dar vida ás disciplinas que preparam os officiaes para os trabalhos de investigação, de organisação, capazes de formar a élite dos nossos officiaes de E. M. — um curso moderno de geographia, outros de economia politica, sob a luz dos modernos conceitos desta sciencia, de historia e sociologia, particularmente applicados ao caso americano e brasileiro etc., etc. Além disso, deve-se dar *existencia real e character obriatorio ao curso para officiaes superiores*.

A. E. A. O., igualmente, não pôde ficar reduzida aos themes de arma e de tactica geral mas tratar dos assumptos acima na medida dos fins que se têm em vista com esta Escola. Ademais, urge criar-se-lhe um pequeno destacamento das tres armas como tropa organica.

A *Escola Militar*, essa então, está exigindo *ampla e profunda remodelação, custe quanto custar*. E' preciso encarar-se de frente a disponibilidade de professores; exigir-se o curso de E. M. para os Instructores e o da E. A. O., tirado em determinadas condições, para os auxiliares de instructor; dar-se novas installações, novo edificio, novo uniforme, novo regimen, *fazer tudo de novo*, de maneira que nenhum vestigio fique das más tradições de escolas de outros tempos que, embora dymnamisadamente, existem na actual, agindo como verdadeiras forças imponderaveis, que são as mais terriveis — formando um subconsciente excentrico á nova mentalidade do Exercito.

Sobretudo deve-se provêr os meios *para comprovar a aptidão militar* dos candidatos, pois, os factos teem demonstrado *sobejamente* que um dos nossos maiores males é a existencia nos quadros de innumerous officiaes *sem vocação militar de nenhuma especie e até «pacifistas» por credo religioso, philosophico ou politico*.

Não seria demais tambem encarar-se a possibilidade de funcionarem na *Nova Escola* todos os cursos fundamentaes das especialidades. Se a Escola Militar comporta cursos das quatro armas porque não supportar tambem um de veterinaria, outro de intendencia etc., como verdadeira universidade militar, se isso viria em proveito da unidade dos quadros?

Para terminar, não podemos deixar de referir a uma ideia ainda corrente em nosso meio e que se refere á questão da *cultura geral*. Ainda ha quem pense que, ou se tem cultura mathematica generalisada e profunda ou se corre o risco de ser ignorante e mediocre. Se isso é verdade quanto aos officiaes que se *dedicam á technica* ou se discutimos as *questões do presente com a mentalidade do passado*, nada mais erroneo se levamos em conta os *dois grandes ramos* em que já se pôde dividir actual-

mente os nossos quadros: — os que se especializam no commando e os que se especializam na technica.

E' bem evidente que pouco adiante a um official que se vota ao commando conhecimentos de hydraulica, mechanica celeste ou não e outros assumptos como taes. Rudimentos de alguns desses conhecimentos mathematicos podem ser-lhe uteis, mas na justa medida, mais como gymnastica mental que outra coisa. O conhecimento profundo dessas materias só pôde interessar e ser util realmente aos que se votam á technica.

Rapido golpe de vista de como se processa a actividade de um official especializado para o commando e de outro especializado para a technica bastaria para comprovar o que affirmamos. Emfim, é sabido que o official para o commando precisa sobretudo do conhecimento das sciencias naturaes e sociaes ao passo que o da technica do das sciencias physicas e mathematicas.

Porque se não estabelecerem os programas de ensino sobre essa base?

Completar o plano de ensino é, pois, coisa muito complexa e insophismavel necessidade em face de nova lei de promoções que vise realmente a eficiencia dos quadros sem a qual nada se jurá de duradouro — é, tambem dar-se o ultimo golpe em arraigados preconceitos.

A HOMOGENEIDADE DOS QUADROS

Não se precisa de longas meditações para sentir que essa é das nossas mais palpitantes necessidades. Num mesmo quadro ha capitães de vinte e poucos annos de idade ao lado de outros que teem mais que isso de tempo de serviço; em quadros differentes ha gerações desbordadas successivamente, durante annos seguidos, por turmas e turmas cujos elementos, ainda cursando a E. M., já sabiam a sua collocação para o capitão; nos quadros das serviços ha officiaes superiores que ha poucos annos eram sargentos e assim por deante.

E' bem certo que, agora, será difficil restabelecer o equilibrio dos quadros, que é um dos aspectos mais importantes da sua homogenisação. Todavia, isso não exclue um esforço serio nesse sentido, em que pese os direitos adquiridos e outros argumentos que taes. A differença de «instersticio» em cada posto e até para cada arma poderia ser uma das molas compensadoras.

Mas o problema da homogeneidade deve ir ainda mais longe. E' sabido que ha infantes que não marcham, artilheiros que não atiram e cavalleiros que não montam, que temos grande numero de officiaes que, aos poucos, foram se transformando em verdadeiros funcionarios, isto é, desinteressando-se pela evolução de seus conhecimentos, pelos surtos de sua carreira, alheando-se de tudo que se faz ou que se projecta; que, por muitos outros titulos, ha officiaes que aberram das tendencias do Exercito Nacional, cada dia mais deseioso de ingressar definitivamente em sua verdadeira função.

Que heterogeneidade todas essas causas conjunctas, não produzem em nossos quadros? Que de inconvenientes não se sanariam pelo menos com a neutralisação dessa mesma heterogeneidade?

E' por demais evidente que um novo regime nas promoções, classificações e transferencias; uma nova era de trabalho, de honestidade administrativa e profissional, emfim, contribuirá seguramente para a homogenisação dos quadros. Ao par dessas acções, entretanto, não seriam demais algumas outras medidas — por entendimento previo ou em casos especiaes, por força de lei — que visassem, directamente, a solução dos problemas que se ligam a este grave aspecto da homogenisação dos quadros.

O CASO DO COMMISSIONAMENTO

Quando se trata de eficiencia dos quadros — de modo que os tornem merecedores do respeito e da confiança unanimes da nação — esse é caso que se não pôde deixar de lado.

O papel funcional do Tenente é de tal monta que não é possivel consentir-se em entregar gerações e gerações de conscritos á massa em sua maioria incompetente, incapaz dos commissionados. Se é certo que ha excepções das quaes nos devemos aproveitar, mediante certas exigencias, como um contingente a mais para cobrir o nosso claro de officiaes subalternos, não se pôde negar que, em sua grande parte, os commissionados não satisfazem aos requisitos indispensaveis ao official instructor.

Uma solução friamente estudada e applicada seria um bem para o Exercito e para a maioria dos commissionados pois, tudo faz crêr que o nosso meio militar actual não os assimillará e triste seria a sua sorte passados os primeiros momentos de quaesquer vantagens que acaso se lhes dessem.

O assumpto é de tal fôrma importante e empolgante que o trataremos em «nóta» a parte intitulada «Abrindo uma questão», questão que não abrimos ha mais tempo para não levantar a lebre inopportunamente.

A SITUAÇÃO MATERIAL DOS QUADROS

Todos os desdobramentos acima tratados se referem directamente aos aspectos moraes do problema da eficiencia dos quadros: — ajustar o accesso das competições politicas, estimular o esforço technico e professional.

Ha, entretanto, a questão material, que julgamos dever tratá-la porque, embora indirectamente, é componente de valôr quando se pensa em augmentar as capacidades de nossos quadros.

Com effeito; como pretender-se votar todos os officiaes á profissão, fechar-lhes todas as possibilidades noutros meios sem que se lhes assegure não o luxo mas o conforto relativo de suas familias? Sobre esse ponto muito teriamos a dizer se a compostura, a dignidade pessoal de todos nós não ficasse em cheque. Mas quantos de nós não pôde sequer possuir todos os uniformes da tabella? Quantos escondem a sua qualidade de official para que possam viver nos lugares escusos em que moram? Que se exigir para a Patria de quem não pôde sequer cumprir o comeseinho dever social de educar os seus filhos?

A questão dos vencimentos militares apresenta-se assim como das mais importantes, das que são fundamentaes para o bom exito de quaesquer emprehendimentos regeneradores.

Ao par do augmento de vencimentos, entretanto, é preciso cogitar-se de outras medidas visando os aspectos materiaes do officialato, por isso que todos *cahem em cheio sobre o rendimento moral e profissional dos quadros.*

A titulo de exemplo da extensão a dar-se a essa questão, refiramos á necessidade que ha em estimular-se materialmente o exercicio de certas funcções. Sómente os officiaes em funcções burocratas deveriam ter apenas os vencimentos da tabella. Os arregimentados, onde quer que estivessem, deviam ter casa para morar (a construcção de um quartel deve admittir em seu plano a de casas para officiaes). Os officiaes que concluem o curso de Estado Maior deveriam contar, a partir de determinados resultados, com melhoras de antiguidade, proporcionadas aos meritos demonstrados.

Como recrutarem-se bons elementos para voluntariamente pôr sobre os hombros as pesadas responsabilidades do curso de E. M., sem estimulal-os com vantagens além do encarecimento que o distinctivo do curso accarreta aos uniformes? Como recrutar bons elementos para o serviço arregimentado se a unica vantagem do arregimentado é gastar mais que quaesquer outro official os seus uniformes, augmentar as suas despesas pessoasas?

Como pretendermos um quadro efficiente de technicos se além de accessos hierarchicos não lhe assegurarmos porcentagens sobre seu tempo de serviço, gratificações especiaes pelas suas realizações, observações ou mesmo pelas suas invenções?

Essa coisa da situação material dos quadros é das que se não apresentam tão simples como parecem á primeira vista, se se quizer collocal-a sob a luz clara de um ponto de vista geral, sadio e promissor — muito mais alto que a simples questão de augmentar vencimentos, questão interessante para o funcionario publico, mas um pouco mais importante levado em conta o interesse technico-militar da questão.

E' preciso criarem-se maiores vantagens mas, tambem graduar essas vantagens. Quer quanto ás vantagens materiaes, como nos methodos e processos de selecção, urge arrancar-se os quadros da valla commando do «*todos somos iguaes*»: — a cada um segundo as suas obras, tudo a seu tempo e cada um por sua vez.

EXERCÍTO PERMANENTE COMO ESCOLA

A condição basica para que se possam *reservas numerosas e instruidas* é a capacidade do Exercito Permanente como Escola. E' o problema dos effectivos de paz que não devem baixar nunca do *effectivo minimo* para que todos os corpos de tropa, repartidos pela nossa immensidade territorial, tenham *existencia pratica*. E' o problema da repartição judiciousa dos officiaes e dos recursos materiaes necessarios á *instrucção* physica, civica e professional dos incorporados.

Subsidiariamente, pensa-se, seria excellente medida a criação de um *corpo escola* de cada arma em cada Região Militar. A utilidade desses corpos escola seria de primeira ordem seja para receber os novos aspirantes sahidos da Escola Militar, seja para receber os officiaes que terminam o curso da E. A. O. Com o seguir do tempo esses corpos começariam a fornecer

— por verdadeiro extravasamento — elementos para as demais unidades regionaes. Esse criterio evitaria o derrame, a dispersão dos productos das referidas escolas, tal como se dá agora, sem nenhum proveito individual ou colectivo.

Ainda mais, julga-se que seria opportuno systematisar o deslocamento dos officiaes pondo em pratica, a antiga ideia do «*rodizio*», collocada em seu verdadeiro pé como garantia para os officiaes e utilidade para a efficiencia do Exercito, não só quanto á arregimentação como quanto ao serviço de estado-maior e aos órgãos dos serviços. Não se pode negar, de um lado, que os interesses privados dos officiaes os soldam a determinadas guarnições, de outro que as premencias financeiras e a estabilidade administrativa das unidades e das formações não aconselham movimentação por demais generalizada. *Os justos termos* em que se deve determinar desde que se o encare como um *meio* e não como um *fim*.

O que se faz indispensavel é que essas medidas não decorram da vida commum da administração mas que sejam *regulamentadas previamente* de modo a entrarem definitivamente nros nossos habitos militares.

Por fim é preciso que a mentalidade nacional, ao mesmo tempo que sinta *não ser o Exercito Permanente o proprio Exercito Nacional*, se convença de que sem um *Exercito Permanente com a capacidade de verdadeira Escola* — numero e qualidade de seus elementos — nada significam o *recrutamento e a mobilização*, os dois termos da moderna expressão da defesa nacional que o *Exercito Permanente deve ligar como traço de união forte e indissolúvel*.

RECRUTAMENTO E MOBILIZAÇÃO

O *Serviço de Recrutamento* deve quanto antes ser remodelado, e um dos pontos capitales a attender-se é *ligal-o mais estreitamente* ao problema de mobilização de um lado, á vida social e politica dos individuos de outro.

Muito se tem discutido esse assumpto e a media das opiniões se decide francamente pela instituição de um «*Departamento de Recrutamento e Reservas*», assim nos moldes do actual *Departamento da Guerra*, para a solução do primeiro requisito.

Não se pôde dizer que nada se tenha feito nesse particular. Não resta duvida, porém, que se não tem podido attender sufficientemente aos aspectos *administrativos* da questão para os quaes a actual G. 6. é absolutamente inefficaz.

Quanto aos laços que devem estreitar o recrutamento á *vida social e politica dos individuos* nada mais pratico que interessar os órgãos da propria machina civil e estabelecer-se a *caderneta de alistamento como o cartão de visitas* de todos os cidadãos em idade militar. Quanto á regularidade do serviço, crê-se que se torna indispensavel entregar-se sua direcção a officiaes superiores do Exercito Activo, idoneos, de reconhecida capacidade de organização e senso administrativo.

Encarando o problema do *recrutamento*, no sentido mais estrictamente militar, pensa-se que se o deve assentar em bases mais amplas e mais harmoniosas, isto é, *para além das fronteiras da prestação do serviço militar propria-*

mente. O que se deseja é que o recrutamento seja tomado no sentido generico da preparação militar da juventude, para a qual a incorporação — *dadas as circumstancias politicas, economicas e financeiros do nosso paiz e mesmo do continente* — deve ser apenas um caso particular.

Isso significa que a chamada *instrução militar subsidiaria* (collegios, escolas, tiros etc.) necessita ser vista sob a nova luz: *abolindo-se a instrução profissional militar aos menores de 21 annos que se devem dedicar ao Escotismo*; arrancando-se da Instituição do Tiro de Guerra o feitiço de *porta falsa contra o sorteio*, ao mesmo tempo que definindo-o melhor, seja por *militarizal-o* de vez, seja por de vez *tornal-o em sociedades civis* de educação civica, physica e de Tiro. Até mesmo a questão do uniforme deve ser enfrentada, acabando-se com o espectáculo lamentavel de meninos emperneirados *fingindo de soldado* ou de homens fardados *brincando de soldado* com armas descalibradas. O *uniforme de escotismo* deverá ser o de todos os collegios, gymnasios etc., o *costume de caçador* o dos atiradores. Inserimos aqui esse aspecto secundario porque uma das *coisas que se faz preciso moralizar é o uso do uniforme*.

O problema da *mobilização* comporta outros aspectos e que, confiamos, o estabelecimento do «Conselho de Defesa Nacional» resolverá completamente.

Intimamente ligado á mobilização está a *Remonta* questão das mais controvertidas em nosso meio, mas, ainda, sem solução. Nesse particular cumpre salientar que é possível tirar dos nossos 35 milhões de habitantes o nosso Exército de Campanha, *sejam quaes forem as circumstancias*, ao passo que não poderemos fazer o mesmo com a nossa população equina, *se não dentro de limites muito estreitos*.

QUADROS DE RESERVA

Dos nossos *velhos themas*, aquelle que — ao par da *efficiencia* dos quadros activos — vem empolgando todos os espiritos é o da formação rapida de numeroso quadro de officiaes de reserva.

Todas as discussões acabaram crystallizando-se nos seguintes termos:

- deve-se seriar as exigencias para a formação desses officiaes, visto que não só de officiaes combatentes precisará o exercito;
- deve-se preparar os candidatos do officialato de reserva sem perder de vista que sua principal missão será commandar e não instruir.

Dahi a necessidade de formularem-se os requisitos (inclusive conhecimentos de organização do Exército) para a entrada immediata nos quadros de reserva da melhor parte dos nossos capitães de industria, dos elementos directores das estradas de ferro, especialistas na technica electrica e radio electrica etc. etc. De outro modo a conveniencia de estirpar-se dos programmas de exame dos candidatos aos quadros combatentes serie enorme de prescrições verdadeiramente inuteis, pois, quando os officiaes de reserva tiverem que instruir não só o farão

sobre a direcção de officiaes de carreira como em plena escola da guerra, a melhor das escolas.

Ha ainda argumento forte em favor da simplificação dos processos actuaes de recrutamento — os *effeitos sociaes e politicos* em favor da organização da defesa nacional criados por um quadro numeroso de officiaes de reserva. Embora occupando o ultimo lugar, esse argumento é dos mais fortes. Não podemos mais continuar alimentando o preconceito erroneo da *maioria dos civis e de muitos militares*, de que o Exército Nacional possa existir sem a participação inequivoca, voluntariosa e efficiente de representantes de todas as classes sociaes. Ao lado do «Conselho de Defesa Nacional» não vemos outra força mais poderosa, actuando mais generalizada e profundamente que um quadro variado e numeroso de officiaes de reserva.

No que respeita aos quadros de reserva ha numerosos outros aspectos dos quaes ainda salientaremos a questão da manutenção em dia da capacidade profissional desses quadros. Os nossos actuaes officiaes de reserva — inclusive muitos officiaes reformados do Exército Permanente — não se conformam mais com o abandono em que vivem, perdendo aos poucos *não só os conhecimentos que adqueriram mas, sobretudo, o entusiasmo, o fogo sagrado que os levou ás provas exigidas para a sua qualificação*.

Desejam elles, tambem, a unificação dos quadros (maior cohesão intima) e uma revisão em seus uniformes de modo a sentirem-se mais do Exército de que se honram de pertencer.

MATERIAL DE GUERRA

Si a Alta Administração do Paiz, quizer como é de prever, cuidar seriamente de organizar a defesa nacional terá de considerar a exigencia de termos — MATERIAL DE GUERRA —, em condições de supprir ás nossas necessidades bellicas, reveladas principalmente por *armamento, munições e meios de transporte*.

A solução deste problema de larga envergadura aliás, deverá ser traduzido em um plano que deve encarar o supprimento em material não só do Exército Permanente mobilizado, como tambem das demais forças, cuja organização será de prever e mais ainda o consumo provavel desse material a ser effectuado durante a campanha.

Claro, estabelecido esse plano por quem de direito e competencia, sua execução completa não será obra de um anno, nem mesmo de um só quadriennio.

Por isto deverão ser fixadas *bases* para que o mesmo se possa ir satisfazendo na medida de nossas possibilidades financeiras e industriaes, ininterruptamente atravez o tempo, sem que o possam molestar ou interromper as mutações quadriennas do Poder Executivo. Esse plano deverá encarar a obtenção do material sob as seguintes modalidades: *acquisição, reparação, recuperação e fabricação*.

Qual o material a adquirir? Apenas aquelle que não puder ser fabricado pelos estabelecimentos militares.

Si lançarmos uma vista d'olhos, rapida embora, sobre o panorama apresentado por nossos

estabelecimentos industriaes — militares e civis — chegamos á conclusão que temos de — *adquirir no estrangeiro grande parte do material bellico necessario á Nação em armas.*

Entretanto não podemos nem devemos adquirir de chôfre, o material que ainda não pudermos fabricar.

Seria encontrarmo-nos talvez a braços com armamento antiquado e impotente quando a fatalidade nos lançasse no campo de batalha.

Por isso o plano de aparelhamento bellico, a que atraz nos referimos, deverá estabelecer as aquisições por um processo largamente escalonado no tempo, combinando-as com os possíveis surtos da Industria Nacional, que urge incentivar e desenvolver.

Com respeito á *reparação e á recuperação*, se deverá desde já tornar os nossos arsenaes e outros estabelecimentos militares em condições não só de *reparar* o actual armamento em uso como tambem de *recuperar* aquelle dado por inservivel ou antiquado, lembrando-nos que na Grande Guerra foram empregados specimens de armas e munições desde ha muito fóra de serviço.

Esta a face mais amena do problema.

Finalmente temos que abordar, desde já *tambem o problema da fabricação do material.*

Este aspecto da questão — de todos o mais complexo, interessante e importante — exige serio estudo. Urge fazer um inquerito rigoroso no sentido de *averiguar quaes as actuaes possibilidades da industria civil*, unia vez sabido, como o é, a quasi inexistencia da militar.

Surge, então, o problema da industria siderurgica, de passos ainda vacillantes entre nós, mas que é preciso tornar capaz e efficiente.

Seja como fór precisamos fabricar com perfeição, canhões, armamento de infantaria e respectivas munições.

Temos então abertos dous caminhos: crear a industria militar para tal fim, desenvolvendo vultosamente o embryão já existente ou então incentivar, fiscalisar e recompensar a industria civil, submettendo-a a leis e regulamentos taes que lhe permittam aparelhar-se para as fabricações militares.

Não nos compete dizer qual o caminho a seguir ou si ambos: é tarefa que exige serias cogitações de caracter tecnico-financeiro.

Entretanto qualquer que seja a solução adoptada, uma necessidade logo se faz sentir, a qual aliás se vem impondo de certo tempo para cá.

Trata-se da *falta de technicos militares habilitados.*

Quer se trate de desenvolver a industria militar já existente, quer se trate de entregar o problema á industria civil, d'elles se carece, já para a direcção dos estabelecimentos militares, já para a fiscalização da manufactura pela industria civil, no segundo caso.

Neste particular, convenhamos, estamos completamente desprevenidos.

Torna-se urgente estabelecer os cursos technicos de artilharia e engenharia, criados pelo Decreto n.º 13.451 de 29 de Janeiro de 1919, o qual reorganizou o ensino militar, dando-lhes sobretudo um cunho pratico, experimental, de applicação immediata.

Ha portanto oito longos annos que nossas Escolas não prepararam technicos para o Exercito, e si hoje já a falta dos mesmos se faz sentir, bem podemos avaliar de que vulto será a mesma quando os actuaes officiaes providos com os antigos cursos technicos, por força de hierarchia elevada, não puderem mais se occupar de dirigir obras e secções dos estabelecimentos technicos.

Como solução complementar ao estabelecimento de taes cursos convem encarar, com criterio, *visando principalmente o interesse nacional, ao qual se deve subordinar sempre o individual*, a criação dos Quadros Technicos.

Para elles deverão rumar os officiaes egressos dos novos cursos technicos e aquelles que, possuidores dos antigos, revelaram aptidão technica comprovada por varios annos de estagio em commissões technicas com real proveito para o Paiz.

REORGANIZAÇÃO DA M. M. F.

Não existem duas opiniões contrarias a respeito desta necessidade. De um lado, *desde ha muito* que se deseja maior amplitude á M. M. F. Pensa-se que junto ás sub-chefias do E. M. e aos E. M. das R. M. dever-se-ia contar com a assistencia de um technico idoneo como *elucidador dos aspectos doutrinarios das questões.* De outro, é corrente o pensamento de que sem augmento de despesa, por meras *substituições e simples reagrupamento* entre os actuaes membros da M. M. F., poder-se-ia chegar facilmente a se lhes dar maior efficiencia, tirar maior rendimento de seus trabalhos como de seus valores. M. M. F. é julgada como *assumpto inadiavel.*

No momento actual, a reorganização da São conhecidos os esforços neutralisadores que, *embora passivamente*, se tem manifestado em torno da M. M. F. Apesar de que essas acções, ás vezes se *fundamentem em orientação, pelo menos acatavel, é inegavel* que por suas *manifestações praticas acabaram por criar ambiente desfavoravel.*

Assim, cumpre tratar de reorganisar a M. M. F. mediante novo entendimento com o Governo Francez e sobre novas bases *de modo que se lhe assegure o maximo de possibilidades em vista das responsabilidades technicas que lhe cabem e dos resultados que della ainda se esperam.*

Isso é o que se pensa, se sente ou se diz, pelo menos nos circulos daquelles, que, realmente — *«sans arriere pensée»* — sonham com um Exercito para o Brasil á altura das suas *necessidades sociaes, politicas e militares.*

AINDA O CONSELHO DE DEFESA NACIONAL

Esse é outro ponto capital. Embora haja quem pense que bastaria um *Grande Estado Maior de Terra e Mar*, a maior corrente está com a instituição do *Conselho de Defesa Nacional.*

Com effeito; um orgão como aquelle no maximo resolveria a *unificação do problema militar e naval*, mas continuariam de lado as *medidas extra-militares* ou melhor, a *repercussão social e politica das medidas militares.* Seria

apenas um escalão a mais do alto commando e que, talvez, só iria complicar o plano e execução da obra que se impõe.

De resto, essa unidade militar e naval pôde perfeitamente ser atendida pela troca entre o Exército e a Marinha de officiaes *idoneos* e *dinamicos* desde que se não a reduza aos E. M., desde que se augmente a superficie de contacto estabelecendo-se que todas as unidades, formações e repartições homologas de uma e de outra daquellas instituições troquem representantes entre si.

Com o *Conselho de Defesa Nacional* se consegue muito mais. Não só a cooperação militar e naval acabará vencendo todas as resistencias — porque á luz do Conselho ninguem será capaz de oppôr-se a ella de nenhum modo — como se estabelecerão e se entreterão relações efficientes, praticas com os Ministerios Civis e os altos representantes da industria nacional.

O *Conselho de Defesa Nacional* é tido como uma grande força reeducadora da mentalidade militar da Nação; como o orgão capaz de trabalhar a organização militar e naval do paiz; como o apparelho indispensavel á definitiva organização do Exército Nacional.

Se algumas controversias podem haver essas se cifram em detalhes de sua constituição. Mesmo nesse caso, pôde-se surprehender duas opiniões generalizadas:

- O Conselho deve ter numero o mais reduzido possivel de membros (unidade de vistas, discreção).
- O Conselho deve admitir para *fins especiaes bem determinados* a presença em suas secções de representantes idoneos de determinadas actividades civis (valorisar a especialização, generalisar a cooperação).

Em resumo: vê-se o *Conselho de Defesa Nacional* como a cupola para amarrar os surtos da organização militar e naval do paiz, em seu grande conjunto, assim como se vê o *officialato de reserva* como a argamassa indispensavel aos nossos surtos militares.

A IDEIA PREDOMINANTE

Ha em todos os circulos militares visivel optimismo, chega a haver mesmo confiança. A escolha do novo titular da Guerra echoou como verdadeira mensagem do novo Governo ao Exército Nacional, assegurando a este possibilidades maximas não só para a sua reconstrução como para o proseguimento vigoroso da grande obra da constituição definitiva da defesa militar do paiz.

E o movimento de opinião que se pronuncia francamente é o da *urgencia de enfrentar-se esse segundo aspecto*. Todos julgam, apezar de determinados precalços de ordem psychologica, quasi automatica a tarefa de pôr a nado a nossa desmastreada não, pelo menos diante as normas de administração que se esperam. A esse respeito o que todos anseiam é que essas normas se corporifiquem em leis, regulamentos, instrucções etc. de maneira que, até certo ponto, se possa contar com a *criação de novos habitos administrativos para os dias incertos do futuro*.

A ideia predominante — em que pese o feito modesto do novo titular — é a esperança de medidas completas, de grande raio de acção, realmente constructivas, reproductivas quer no terreno moral, no profissional como no tecnico — *dar-se realidade efectiva ao Exército que o Brasil possui... no papel*.

Que assim seja!

NOTA FINAL

Os assumptos contidos nas epigraphes supras servirão dóra avante de programma para os nossos *Editoriaes* e *Nótas da Redacção*. Com isso femos a intenção de desdobral-os em suas multiplas modalidades, collaborando assim na discussão dos mesmos. Igualmente esperamos que esta *Secção* seja lembrada por quantos de bôa vontade desejem cooperar para que *A Defesa Nacional* continue a missão sagrada de sua fundação, isso, ao par dos *artigos de collaboração* em que as ideias poderão encontrar largo desdobramento.

A “sugestão” alada...

Ao Brasil e á nossa Raça cabem as glorias fundamtaes da navegação aerea; que se crie a **Arma de Aviação**, que se organise a **Aviação Nacional**, que se deem Azas ao Brazil!

O Problema do Sargento

Recrutamento — Formação e Instrução

pelo 1.º Ten. *Tristão Araripe.*

Entre nós, o recrutamento, a formação e a educação tecnico-profissional dos quadros, em todos os graus da hierarchia, constitue necessidade das mais relevantes. Com Exercito Permanente de effectivo por demais míngado, insufficiente serviço de um anno já por si desfalcado de um ou dois mezes e massa de conscriptos pouco culta, na quasi totalidade analphabeta e, por isso, em que os elementos de selecção constituem pequeno numero, não podemos contar que, pelos meios normaes em outros paizes, possamos armazenar a quantidade de officiaes e sargentos necessaria ao enquadramento das nossas formações de mobilisação.

As nossas condições particulares exigem solução de possibilidades bem asseguradas.

Procuremola para o caso do sargento.

*
**

Na situação actual os sargentos são recrutados:

- I — No Exercito activo (para este e reservas):
 - a) por intermedio dos Pelotões de Candidatos a Sargento nos Corpos de todas as armas;
 - b) pela Escola de Sargentos de Infantaria.
- II — Nas Sociedades de Instrução Militar (para a reserva):
 - a) por meio de turmas de instrução de sargentos de reserva, em todas as sociedades e estabelecimentos de ensino;
 - b) pelo aproveitamento de turmas especiaes dos academicos das Escolas Superiores de ensino.

O processo de formação dos sargentos nos Corpos de tropa não tem produzido os resultados desejado. Dentre as causas principaes da insufficiencia do processo apontam-se: a pobreza dos contingentes incorporados em homens «que revelem intelligencia, capacidade de trabalho, robustez, espirito de disciplina e aptidão para o comando», por isso que a incorporação se furtam os moços mais instruidos e mais sãos e só nos chegam os desherdados da

sorte e os analphabets; o accumulamento de serviços que difficultam a instrução e não permitem dar ao ensino dos candidatos a Sargento a intensidade imprescindível; e o facto da maioria dos candidatos ter baixa logo após a terminação do anno de serviço.

Por isso, na falta de candidatos verdadeiramente aptos para a função, veem-se os Corpos forçados a preencher as vagas indispensaveis com elementos deficientes e de preparo muitas vezes nullo.

A Escola de Sargentos de Infantaria, em seus cinco annos de funcionamento, tem provado as vantagens do systema e não se póde negar que os sargentos por ella produzidos preenchem satisfactoriamente as suas funções nos Corpos. Ha entretanto falhas que ainda não permitem retirar do processo todos os beneficios desejados: matricula pequena e consequente capacidade de produção limitada e que não satisfaz ás necessidades dos Corpos; e a interrupção da instrução dos sargentos após a sua sahida da Escola.

Até hoje a produção annual da Escola não attinge a media de 100 sargentos, o que nada é para mais de 200 vagas provaveis na Infantaria durante o mesmo periodo.

Esta pequena capacidade de produção resulta do diminuto numero de candidatos aptos. A Escola com seus regulamento e vantagens não é bastante conhecida no meio civil e mesmo entre militares e por isso é pouco procurada pelos rapazes que falhos de recursos ahi podem se iniciar em carreira util. Por outro lado, dos Corpos são relativamente poucos os soldados que ingressam na Escola. Em uns não se reconhecem ainda as suas vantagens para a instrução do Exercito e em outros são desconhecidos seu regulamento, suas vantagens e a oportunidade que ha para os bons soldados de melhorarem a sua situação. Ainda mais, para essa pequena procura contribue uma situação anomala: a maioria dos candidatos a Sargento prefere sel-o nos Corpos, após uma instrução de intensidade diminuta e durante 6 mezes apenas, a supportar um anno de trabalhos intensivos na Escola.

Deve-se ainda resaltar que a Escola não pôde, de nenhum modo, formar um sargento completo no curto prazo de um anno. Muito ainda ha que fazer depois de sua chegada aos corpos para se ter um sargento com a *pratica completa de sua função*. Na Allemanha de antes da guerra 1914-1918 dizia-se que um bom sargento só o era depois de 5 annos de pratica.

Só a Infantaria goza das vantagens de semelhante processo, pois, as outras armas não dispõem de suas Escolas de Sargentos. E' verdade que a Cavallaria possui um curso de sargentos (de commandante de pelotão), annexo á E. P. C. e destinado a aperfeiçoar a instrução dos sargentos mas nem seu programma nem suas condições de funcionamento se approximam dos de uma Escola deste genero.

A instrução dos sargentos de reserva nas Sociedades de Instrução resente-se de deficiencias muito profundas e pouco tem produzido de verdadeiramente util.

A instrução especial dos academicos está em estado de incipiente execução mas os resultados dependerão da maior ou menor boa vontade dos moços, uma vez que não lhes advém com a obtensão do curso de sargento vantagem alguma immediata.

**

Desta rapida analyse podemos concluir algumas idéas, ao nosso ver, uteis na solução do problema:

I — Em face do nosso rachitico effectivo de paz, o *esforço principal da instrução deve visar a preparação e aperfeiçoamento dos quadros* (officiaes e sargentos). Este objectivo deve mesmo preterir a instrução propriamente da tropa. Nos programmas estabelecidos por todos os commandos a elle devem ser reservados maiores cuidados, maior tempo e os meios mais uteis.

E' indispensavel que em todas as armas se procure formar sargentos perfeitamente instruidos e capazes tanto para as necessidades da paz como da guerra.

II — Cada arma deve ter a sua Escola de Sargentos com capacidade sufficiente para satisfazer ás necessidades dos Corpos. Seu fim é formar os sargentos para as funções do tempo de paz e habilital-os para o commando do pelotão e da secção na guerra.

Os seus alumnos serão recrutados:

a) entre os candidatos civis e praças de habilitação comprovada em con-

curso de admissão é que se apresentam voluntariamente;

b) entre os sorteados diplomados e alumnos das academias superiores, professores publicos e bachareis em letras.

Os primeiros, candidatos voluntarios, serão obrigados, ao terminar o curso, a servir por cinco annos no Exercito activo, dos quaes tres rigorosamente prestados nas companhias, esquadrões e baterias como auxiliares de instrução.

Os do segundo grupo serão incorporados obrigatoria e directamente nas Escolas de Sargentos quando sorteados, de accordo com os cursos que estudam. Os de engenharia serão incorporados nas escolas de sargentos de engenharia e artilharia; os de direito, professores e bachareis e outros diplomados nas de infantaria e cavallaria. Os de medicina serão incorporados nas formações sanitarias regimentaes e divisionarias e ahi receberão instrução de sargento deste serviço.

No fim do curso, os approvados deste grupo terão baixa como sargentos de reserva.

Nos dois grupos os approvados com gráo seis ou maior receberão o attestado de aptidão para o commando do pelotão ou secção, o que lhes permittirá alcançar o officialato de reserva, mediante condições bastante faceis. Os approvados com gráo inferior a seis poderão requerer novo exame para obtenção daquelle attestado, dois annos apóz á sua sahida da Escola, ou quando desejarem ingresso no officialato de reserva.

III — Em principio, os Corpos de tropa não formarão sargentos para o Exercito activo.

Nos corpos melhor aparelhados e especialmente designados em cada região serão organizadas Escolas de Sargentos de reserva com o fim de aperfeiçoar a instrução dos melhores soldados da região e collocal-os em condições de receber, na desincorporação, a classificação de sargento de reserva.

Os candidatos para estas Escolas serão escolhidos, no fim do segundo mez de instrução, dentre os cabos e soldados com instrução primaria regular, independentemente da vontade de cada um. Todos os commandantes de unidades e sub-unidades deverão se esforçar para que essa selecção seja real, lembrando-se que o beneficio que

se procura é para o Exército de que fazem parte.

Só quando as previsões indicarem que as Escolas de Sargentos não conseguirão cobrir o deficit occorrido é que, mediante annuancia do E. M. E., poderão ser aproveitados no Exército activo alguns sargentos assim formados.

IV — O aperfeiçoamento da instrucção dos sargentos nos Corpos de tropa deve merecer maiores cuidados por parte do commando. E' preciso melhorar constantemente seus conhecimentos, tendo em vista obter futuros commandantes de pelotões e secções habeis no seu myster.

Seria conveniente que esta instrucção fosse impulsionada directamente pelo Coronel e ministrada por officiaes especialmente designados.

V — Só determinadas Sociedades de Tiro poderão formar sargentos de reserva. Para isso os commandantes de Região organizarão, annexados a duas ou tres das melhores apparelhadas, cursos de sargentos sob a direcção de um instructor especial, auxiliado pelos outros das Sociedades cujos

socios podem concorrer á matricula do mesmo curso.

Nos dois annos que se seguirem á sua approvação, os sargentos de reserva devem ser convocados para as manöbras, por um periodo de um mez.

VI — Os alumnos das academias superiores, os diplomados e professores primarios só serão isentos da incorporação pelo sorteio se já possuirem seu attestado de sargento. Deste modo suas aptidões e preparo serão aproveitados em funcção mais elevada.

VII — Finalmente para que haja estimulo é forçoso que se criem vantagens para os sargentos, principalmente quando tiverem baixa do serviço por conclusão de tempo. E' urgente executar a disposição que manda aproveitar em cargos publicos adequados os sargentos do Exército activo com mais de cinco annos de serviço.

Estas idéas devem ser meditadas principalmente agora, que se vae cogitar de melhorar a LEI DO SERVIÇO MILITAR e nova orientação vae impulsionar os nossos problemas de defesa nacional.

● Thema a Premio

Do ultimo Thema distribuido comecam a chegar as soluções em numero francamente animador. O interesse que o «*methodo do caso concreto*» já desperta em nosso meio é signal certo do quanto a nossa mentalidade tactiva já evoluiu. E, isso, é o bastante para que todos nós nos reconfortemos — nossa cultura tactica não é mais livresca, mas subordinada ás contingencias do *tempo* e do *espaço*.

Afim de satisfazer aos legitimos interesses de camaradas das guarnições longinquas resolvemos adiar para 10 de Janeiro proximo a data de entrega das soluções.

**

As soluções apresentadas ao penultimo Thema já estão julgadas. Sahiu vencedor o Cap. Vicente de Paula Formiga, do 2º R. I., obtendo, assim, de accordo com as bases de nosso concurso, uma assignatura annual de nossa Revista. Ao prezado camarada, com os nossos cumprimentos, indagamos se permite a publicação de seu trabalho conforme ainda aquellas citadas bases.

Quanto ás demais soluções serão ellas remetidas com as corrigendas aos respectivos auctores cujo interesse muito agradecemos.

A solução proposta pela commissão julgadora será publicada na integra em o numero 156, de dezembro portanto. No numero de Janeiro sahirá á luz o novo Thema.

**

A proposito de «*caso concreto*» pedimos venia aos nossos camaradas de todas as armas para lembrar a necessidade de intensificar-se a collaboração em torno das questões tacticas na carta.

E' bem evidente que, actualmente, se não pôde timbrar em originalidade, tal é o grau de divulgação dos assumptos dessa natureza. Mas, não ha duvidas sobre as vantagens que decorreriam para augmentar ainda mais o tom de nossa preparação para o commando, a communicação em nossas paginas de aspectos tacticos surpreendidos durante a instrucção, os exercicios de jogo da guerra etc. «*não tanto com á intenção de brilhar mas com a vontade de aperfeiçoar*», como diria o Gen. Gamelin.

Abrindo uma questão

Que solução dar-se ao problema dos commissionados?

E' certo que os acontecimentos do ultimo lustro criaram ao Exército perturbações sérias. Um dos seus aspectos mais salientes se revela no *problema dos commissionados*.

Neste particular temos uma situação análoga a de 1894.

O problema deve, portanto, resolver-se agora mais facilmente, porque temos uma boa experiencia.

O remedio para o caso daquella época só foi achado pelo Ministro Mallet, mas com uma acção demasiado lenta, por effeito de direitos adquiridos e que até hoje ainda se manifestam.

E' claro, não vamos agora perder a memoria desses effeitos e repetir o remedio, o que seria imprudente. Mas, partindo dessa experiencia podemos chegar a satisfatoria senão boa solução. O que é factó é que os commissionados existem e delles não poderá o Exército libertar-se de chôfre, sem commetter injustiças contra aquelles, cujos serviços foram num dado momento julgados necessarios; nem poderá confirmal-os, como se fez em 1894, recompensando serviços pessoaes, mas prejudicando os mais legitimos interesses da defesa nacional, que residem sobretudo na melhor organização dos quadros do Exército.

Banida a hypothese de uma simples confirmação e não convindo aos interesses disciplinares do Exército que os commissionados voltem á pura situação anterior, de sargentos, vejamos como se poderia resolver a questão, o que aliás se torna simples, dadas as faltas nos quadros de subalternos.

Antes de tudo, é preciso levar em conta as circumstancias e o modo por que foi feito o commissionamento. Tomado esse factó em consideração podem-se grupar as seguintes cathogorias:

1.^o — os que sendo ainda jovens possuem condições moraes, intellectuaes e physicas que permitem sejam elles aproveitados na carreira do Exército permanente: serão os de idade até 25 annos;

2.^o — os que possuem boas condições moraes e intellectuaes, mas excedem á idade de 25 annos;

3.^o — os que não possuem boas condições intellectuaes ou physicas;

4.^o — os que não possuem condições moraes.

A apreciação dessas condições póde ser feita tomando-se por base:

a) — para as physicas, as *inspecções de saúde* feitas pelo medico do corpo e juntas regionaes, e os testemunhos dos commandantes desde a Companhia até o Regimento;

b) — para as moraes, o exame de seus assentamentos, o parecer dos commandantes e o resumo do conceito dos officiaes do regimento em que serve o commissionado. Toda a falta punida com prisão em xadrez ou cellula, embriaguez, crimes civis, crimes militares e má conducta civil conhecida, mesmo que não haja constituído crime, constituirá *insufficiencia moral*.

Isto posto a solução surge expon-taneamente. Os da 1.^a cathogoria, supportadas as provas *a, b, e c*, poderiam matricular-se na E. M. preenchidas as condições especiaes dessa matricula. Os das 2.^a e 3.^a cathogorias seriam considerados officiaes de reservas de 1.^a linha na situação de convocados emquanto houvesse vagas de subalternos a preencher. Os da 4.^a cathogoria seriam reformados como sargentos, com qualquer tempo de serviço.

A despeza dos *officiaes reserva da 1.^a linha convocados* e acima referidos, dar-se-ia, á proporção que fossem as vagas desaparecendo pela promoção de *aspirantes e sargentos*, segundo as mais elevadas idades. Esses officiaes passariam então á situação de officiaes reformados, percebendo o que lhes coubesse, conforme os annos de serviço.

*

**

Supponho lançar assim satisfactorias bases para a solução do problema dos *commissionados*, considerando feliz a circumstancia de poder apenas argumentar-se com o interesse real do Exército e satisfazendo ao mesmo tempo os *legitimos interesses individuaes*.

Isto é, porem, apenas uma idéa. A porta aberta de nossa Revista — «Suggestões» — está franca como sempre a todos os interesses que se queiram defender e que não tenham unicamente em vista satisfazer ambições pessoaes, sem attender aos interesses da entidade maxima — a Patria.

Mecanica de reparos

Pelo Cap. Carlos de Abreu.

Os canhões 150 m/m T. R., installados em algumas de nossas Fortificações, são montados em reparos de aço, providos de freios hydraulicos, podendo girar livremente em torno d'um eixo vertical imaginario e fixo á embasamentos de concreto.

Elles compõem-se de berço, corpo do reparo e socco.

O berço é a parte superior que recúa, contem o canhão e freios hydraulicos, constituindo este conjunto o que se denomina massa recuante.

O corpo do reparo é a parte constituida por duas falcas, verticaes e parallelas, unidas por taleiras, terminadas superiormente por duas faces planas, denominadas corrediças, inclinadas de 8° sobre o horizonte e sobre os quaes assenta e recua o berço; e, inferiormente por uma base circular que assenta e gira sobre espheras de aço contidas no socco.

Socco é a parte inferior do reparo, de forma cylindrica, fixa ao embasamento e sobre o qual gira o reparo por intermedio de espheras de aço.

Envolvendo o socco, exteriormente, e em toda a sua circumferencia, acha-se fixada uma coroa de bronze graduada e dentada.

A rotação do reparo se faz por intermedio do aparelho de pontaria em direcção, fixo ao corpo do reparo.

Este aparelho é constituido d'uma haste cylindrica ou arvore, n'um volante fixo á sua extremidade superior, e d'um parafuso sem-fim, fixo á sua extremidade inferior, e cujos filetes se engrazem nos dentes da coroa do socco.

Constituindo este aparelho e o corpo do reparo um systema invariavel, quando se gira o volante, o parafuso sem-fim gira tambem, caminhando em torno da coroa e arrastando, portanto, o reparo.

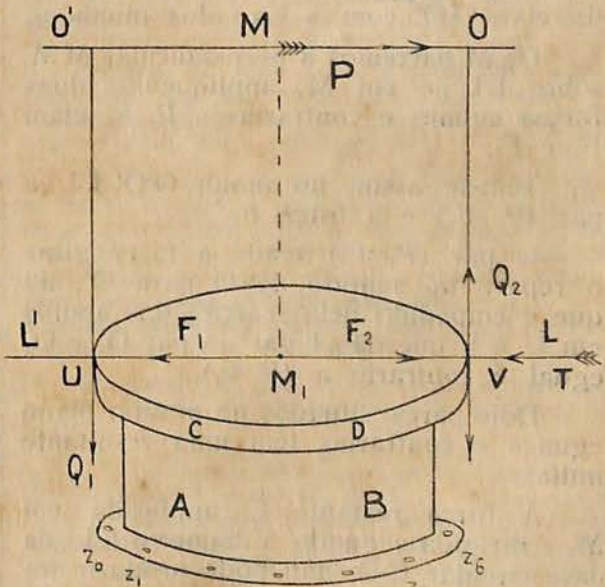
A arvore deste aparelho é mantida, na sua parte inferior por dois braços ou supportes, parallelas e fixos á base circular, ficando ajustado entre elles o parafuso sem-fim.

Se durante o giro do reparo parar-se bruscamente o volante, detem-se desse modo o parafuso sem fim e consequentemente o reparo. Nesta parada brusca do reparo, os supportes da haste chocam-se de encontro ao parafuso sem fim, soffrendo uma forte reacção proveniente da annullação brusca do movimento.

A repetição continua destes choques produzem um trabalho de affastamento dos supportes, tornando-os no fim d'algum tempo divergentes e dando isto lugar a uma folga entre o parafuso sem-fim e os referidos supportes.

Em virtude desta folga, quando se gira o volante, o reparo só inicia o seu movimento de rotação, depois que o parafuso sem-fim se apoia a um dos braços supportes, para então arrastar o reparo superior.

Resulta, pois, em consequencia dessa folga que se pode girar o volante, d'uma



(Fig. 1)

pequena amplitude, sem que o reparo gire, ou reciprocamente, girar, d'uma pequena amplitude, o reparo para a direita ou esquerda, permanecendo immovel o parafuso sem-fim.

Este facto, sem importancia alguma, gerou, no espirito de pessoas não familiarizadas com as questões de material de artilharia, e principalmente com as de mecanica de reparos, a idéa de que na occasião do tiro, o canhão se desviava no sentido horizontal, devido a folga do parafuso sem-fim entre os supportes.

A propria organização do reparo repelle semelhante supposição e para melhor mostrarmos a sua falta de fundamento, submetterem-os a questão á luz da mecanica dos reparos (fig. 1).

Sejam AB o socco, fixo ao embasamento pelas cavilhas zz, etc.; CD a base circular do corpo do reparo, que gira sobre o socco e a elle ligado pelas garras U e V diametralmente oppostas.

Pelo eixo OO' do tubo alma conduzamos um plano vertical que cortará a base CD segundo o diametro LL'. O plano OO' LL' é um plano de symetria do reparo.

Designemos por M a projecção vertical do eixo dos munhões sobre esse plano e por P a força total dos gazes da polvora da carga de projecção, applicada em M, que é tambem o cruzamento do eixo OO' com o eixo dos munhões.

De M baixemos a perpendicular MM, sobre LL' e em M, applicemos duas forças eguaes e contrarias a P. e sejam F_1 e F_2 .

Têm-se assim no plano OO' LL' o par $(P_1 F_1)$ e a força F_2 .

O par $(P_1 F_1)$ tende a fazer girar o reparo no sentido de O para O', no que é empedido pela reacção dos apoios em U e V que dão logar ao par G_1 e G_2 equal e contrario a $(P F_1)$.

Dois pares, situados no mesmo plano eguaes e contrarias tem uma resultante nulla.

A força restante F_1 , applicada em M_1 e dirigida segundo o diametro LL' da base circular CD, não póde produzir rotação nesta, mas tão somente translação se o reparo fosse livre.

A força F_2 é normal a circumferencia do socco no ponto de contacto, e annullada pela reacção horizontal T dos apoios.

Sendo a somma das projecções de todas essas forças, nulla, sobre o eixo

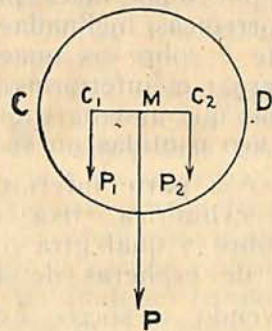
LL', o reparo durante o tiro permanecerá em equilibrio, não havendo portanto razão para se pensar que elle possa girar por haver folga entre o parafuso sem-fim e seus supportes.

O aparelho de pontaria não é freio, pode-se retiral-o e effectuar o tiro, que o reparo nenhuma rotação soffrerá.

As condições de estabilidade desse reparo em torno de seu eixo de rotação estão asseguradas pela sua propria organização.

Esses canhões estão montados em Fortalezas ha mais de 20 annos, e é singular que só agora se lhes descubram essas propriedades giroscopicas.

Uma demonstração, ainda mais simples que a precedente, põe em relevo tambem, a insubsistencia d'uma tal conjectura.



(Fig. 2)

Na fig. 2 a força P, dirigida segundo OO' e applicada em M, póde ser decomposta em duas forças eguaes entre si e parallelas á P.

Sejam P_1 e P_2 essas forças applicadas em C_1 e C_2 , munhões esquerdo e direito.

Sendo por construcção $C_1 M = C_2 M$ os momentos das forças P_1 e P_2 são eguaes e contrarias, e consequentemente nenhuma rotação produzem no reparo.

Cada dia mais se affirma a necessidade d'um curso tecnico para a artilharia e onde, a par de outros ensinamentos, a balistica e a mecanica de reparos dêem aos futuros artilheiros os recursos de conhecer as propriedades balisticas e mecanicas do material com que lidam.

O Fuzil-Metralhador modelo 1924

Cap. J. Pereira

(Continuação)

A potencia de fogo de uma arma automatica depende ao mesmo passo da *precisão*, da *velocidade pratica* e da *capacidade de tiro* (14).

E' geralmente difficil conciliar esses factores com certos elementos constitutivos da mobilidade. Com effeito, toda tentativa destinada a augmentar a capacidade de tiro engendra o accrescimo do peso (devido, por exemplo, á maior espessura do cano), e da melhoria da precisão decorre, as mais das vezes, nova aggravação do peso e do estorvamento (cano mais longo, suporte mais estavel, portanto mais pesados um e outro).

O fuzil-metralhador modelo 1924 é dotado de *precisão* muito satisfactoria:

Pela bôa organização do mecanismo, mercê da qual as trepidações se tornam fracas e se ~~supprime~~ todo choque ao termo da abertura;

Pela constituição racional dos supportes, que facilita a conservação da pontaria;

Pela qualidade da munição, que nos permite obter, ás pequenas e médias distancias, resultados pelo menos iguaes aos que se obtêm com o cartucho 1886 D (am);

Pela redução ao minimo da fadiga do arador. Como este firma e fiscalisa a arma sem difficuldade, e como recebe reacções pouco molestas, não se sente fatigado, mesmo ao termo de tiros cuja duração tenha sido excepcional.

Diversos factores influem na *velocidade pratica de tiro*.

1.º O mais importante é, sem constestação, a segurança e a regularidade de funcionamento.

Claro está, com effeito, que se a arma é sujeita a incidentes, tem de ficar calada durante todo o tempo empregado em resolvê-los. Qualquer que seja o material, deve de ser ao mesmo tempo sufficientemente rustico e sufficientemente aperfeçoado para dar ao combatente a certeza de que a entrada em acção se effectuará ao primeiro pedido e de que o fogo só cessará pela intervenção da vontade.

Essa dupla segurança nol-a dá o fuzil-metralhador modelo 1924. Effectivamente:

a) A obturação racional das aberturas da caixa da culatra oppõe-se efficazmente á acção dos agentes atmosphericos e á penetração de corpos estranhos (15). Sómente a permanência prolongada em lama inteiramente liquida poderia occasionar a entrada no mecanismo de mate-

(14) **Capacidade de tiro** é a aptidão que tem uma arma para manter o fogo, sem que se reduza a velocidade pratica e sem que resulte dessa continuidade da acção um desgasto apreciavel.

(15) O problema da obturação das aberturas da caixa da culatra é, com effeito, de grande relevancia na organização das armas em geral e, especialmente, na das armas automaticas.

rias siliciosas susceptiveis de prejudicarem o funcionamento.

b) A pressão dos gazes é sufficiente para determinar o arranco do embolo, ainda que a temperatura esteja baixa, a arma mal conservada e a lubrificação seja excessiva, ou inexistente.

c) Nenhuma arma automatica (sobretudo se funciona por tomada de gazes) pôde estar totalmente isenta das causas de enlambusamento (16); mas é tal a lentidão com que este se desenvolve no fuzil-metralhador modelo 1924, que o funcionamento só se tornará irregular quando se fizerem muitos milhares de disparos sem se tomar cmuidado algum com o material.

d) Na categoria das armas que se alimentam por meio de cofres-carregadores (17), o proprio cofre-carregador constitue sempre o orgão mais delicado.

Os do fuzil-metralhador modelo 1924 são rusticos e bem organizados. Se estiverem em bom estado e bem conservados, *não se verificará incidente algum imputavel ao material*. Podemos garantir que, no caso de funcionamento irregular, só a qualidade da munição é que se ha de incriminar.

2.º A difficuldade mais ou menos consideravel de collocação e de extracção do carregador occasiona interrupções mais ou menos prolongadas e, dest'arte, muito influe na velocidade pratica de tiro.

Encarada por esse lado, a nossa nova arma representa solução muito feliz, pois exige o menor numero possivel de movimentos simples, rapidos e de facil execução.

3.º Interveem depois disso, por um lado, o regime de tiro, e, por outro lado, a estabilidade do material. Quanto mais curta é a rajada, tanto menor é o consumo de munições na unidade de tempo. Quanto maior o desarranjo da pontaria, tanto mais laborioso o seu restabelecimento e, tambem, tanto mais prolongados os periodos de silencio.

Attendendo a que é favoravel á precisão e como limita os desarranjos de pontaria, a

(16) A proposito do termo *enlambusamento*, diz o coronel Caetano M. de F. e Albuquerque, em seu **Diccionario tecnico militar de terra**: «Acção ou effeito de *enlambusar* ou *lambusar*; bem achada expressão que o marechal Luz empregou para designar a propriedade que tem a polvora de sujar as armas de fogo no acto do tiro, pela formação de residuos que deixa, especialmente na camara, e que prejudicam a justeza do tiro». N. T.

(17) Dou essa denominação aos carregadores fechados (typo Madsen), para os distinguir dos abertos (typo Hotchkiss) rigidos ou articulados. A esses denominarei apenas de *carregadores*. N. T.

bôa organização do fuzil-metralhador modelo 1924 e de seus supportes tende a augmentar a velocidade pratica de tiro.

4.º **Emfim.** — afirmação que parece surprehendente á primeira vista, — o menos importante dos factores é a velocidade de funcionamento. De duas armas, uma que atira vagarosamente, mas que satisfaz as diversas condições já enumeradas, e outra que as preenche de modo incompleto, mas cuja cadencia é theoreticamente rapida, é a primeira que levará vantagem — e grande — encarada a questão do ponto de vista dos cartuchos disparados na unidade de tempo.

A velocidade de funcionamento de 450 disparos por minuto, adoptada para a nova arma automatica collectiva, é amplamente satisfactoria, porquanto, com sesventes mediantemente treinados, se poderá obter uma velocidade pratica superior a 200 disparos por minuto, uma vez que se empreguem rajadas longas, na execução do tiro ⁽¹⁸⁾. Mais fraca, tornaria menos mortifero o fogo desencadeado contra objectivos fugazes e menos efficazes as intervenções no decurso das crises. Ademais, o effeito moral seria menos impressionante.

A *capacidade de tiro* de uma arma cujo funcionamento é irreprehensível, é inversamente proporcional á rapidez do aquecimento produzido pela acção reiterada dos gazes provenientes de cada carga de projecção.

Entre as peças que são prejudiciaes pela continuidade do fogo, figura um primeira li-

⁽¹⁸⁾ A velocidade de funcionamento das armas destinadas, normalmente, a atirar contra objectivos terrestres deve ser limitada, á vista das considerações seguintes:

a) Quanto mais rapida é a cadencia, tanto mais difficil a manutenção da visada. Ainda que se empreguem pequenas rajadas, se fôr muito rapida a cadencia, não se poderão obstar os desarranjos de pontaria decorrentes das trepidações;

b) As grandes velocidades de funcionamento occasionam consumos de munição incompativeis com as possibilidades do remuniamento;

c) Finalmente, produzem o aquecimento rapido e o desgasto prematuro da arma.

Em se tratando, porém, de metralhadoras de avião, destinadas a atirar, normalmente, contra objectivos aereos, importa que possuam a maxima velocidade, attendendo a que hão de ser brevissimas as suas intervenções. Para essa categoria de metralhadoras, torna-se necessaria uma velocidade de funcionamento de 1.000 a 1.200 disparos por minuto, velocidade esta que se póle obter pelo aligeiramento dos órgãos moveis da arma e pelo emprego de *acceleradores de culatra*.

Os resultados que se obtiveram até agora são os seguintes: Metralhadora franceza Darne, cerca de 900 disparos; metralhadora americana Marlin, cerca de 1.200 disparos; metralhadora allemã Gast (2 canos), 1.200 disparos (600 de cada cano); metralhadora Vickers accelerada, cerca de 950 disparos; metralhadora Lewis accelerada, cerca de 600 disparos.

na o cano ⁽¹⁹⁾. No momento em que a temperatura se torna assás elevada e que, por isso, o metal já não trabalha em condições normaes, o desgasto entra de subito a manifestar-se; cada bala arranca porções do cano e os proprios gazes produzem erosões. Em poucos instantes, a dispersão adquire um valor inadmissivel, que subsistirá quasi integralmente, mesmo quando a arma estiver fria ⁽²⁰⁾. O cano está «arrazado».

E', pois, a resistencia deste que condiciona capacidade de tiro e que dita o «regime», que seria imprudencia ultrapassar.

Não podemos influir na quantidade de calorías que, a cada disparo, se perdem por irradiação no metal do tubo, mas podemos retardar o aquecimento, ou remedial-o por diversos processos:

1.º A refrigeração por meio de agua constitue a solução mais favoravel á longevidade do material, pois conserva o cano em temperatura notavelmente inferior á que seria susceptivel de lhe causar mal. O seu emprego é indicado para as metralhadoras pesadas ⁽²¹⁾, mas é desarrazoado em se tratando de armas automaticas leves. Com effeito, a presença de um cylindro cheio de agua augmenta ao mesmo tempo o peso e o estorvamento. Além disso, os serventes são obrigados a transportar recipientes cheios de agua, donde, em igualdade de carga, diminuição dos cartuchos immediatamente disponiveis ⁽²²⁾.

2.º A alternação dos canos parece tentadora á primeira vista, mas uma analyse sumaria das sujeições inherentes a esse processo demonstra que o devemos rejeitar.

Elle impõe, de feito, ao pessoal manipulações que o obrigam a descobrir-se e que, portanto, são inaceitaveis em se tratando de uma arma que se deve empregar nas primeiras linhas.

⁽¹⁹⁾ Podemos estabelecer como regra, com os canos actuaes, que num tiro prolongado, realzado com a velocidade de 400 disparos por minuto, os 300 primeiros cartuchos produzem uma elevação de temperatura de cerca de 1 gráo por disparo; que essa temperatura augmenta em seguida de um gráo por dois disparos entre o 300º e a 600º disparo; que acima desse numero de disparos, a temperatura continúa a augmentar, porém menos rapidamente.

N. T.

⁽²⁰⁾ Afóra esse inconveniente, o aquecimento traz como consequencia:

a) Difficuldades de pontaria, em virtude do movimento ascencional das camadas de ar quente que circumdam o cano;

b) Difficuldades de manejo da arma;

c) Difficuldades de funcionamento, resultantes das dilatações das peças do mecanismo, que as desajustam.

⁽²¹⁾ Entre as metralhadoras cuja refrigeração se faz por meio de agua, figuram a Maxim, a Vickers, a Browning e a Schwarzlose.

⁽²²⁾ A possibilidade de perfuração do cylindro por balas do adversario, é outro inconveniente do seu emprego, que a guerra de 1914-1918 poz em evidencia.

N. T.

Accresce que a acção do ar ambiente não permite manter o fogo com dois canos unicamente, porquanto o aquecimento do que está sendo utilizado é muito mais rapido do que a refrigeração do que acaba de atirar. E assim teremos de recorrer ao emprego da agua e soffrer os seus multiplos inconvenientes.

Para que nos pudessemos libertar desses inconvenientes, mistér seria que se augmentasse o numero dos tubos. Uma firma estrangeira fornece um material que se funda na alternção de quatro canos. Ainda que se trate de metralhadora, tal multiplicidade é intoleravel, pois a vantagem que offerece fál-o á custa de um inconveniente mais consideravel: a capacidade de tiro augmenta, mas a facultade de aproveitall-o fica compromettida; ás munições substitue-se peso morto.

3.º Um cano unico exposto ao par não introduz no serviço da arma causa alguma de complicação, mas fica sujeito a aquecimento rapido e que se póde tornar excessivo.

Dois meios são empregados para retardar o advento da temparatura critica:

a) Augmento da superficie submettida á refrigeração.

Resaltos transversaes ou longitudinaes, ora largos e raros, ora curtos e numerosos, são praticados no exterior do tubo; muitas vezes, fazem parte de um cylindro, geralmente de metal leve, que se ajusta ao cano.

b) Augmento da massa em que se reparam as calorias subtrahidas aos gazes pela irradiação.

O cano adquire uma espessura muito superior á que exige a resistencia ás pressões e aos choques.

Esses dois palliativos são utilizados concurrenemente na metralhadora Hotchkiss.

No novo fuzil metralhador, foi empregado o segundo meio, em proporção muito pequena todavia, pois importava não ultrapassar o peso limite, fixado em 9 kilogrammas.

Demais, entendeu-se que, em vez de se estabelecerem resaltos de irradiação, melhor seria que se repartisse em espessura, no conjunto do tubo, a quantidade de metal que a constituição desses mesmos resaltos teria absorvido.

Será, porventura, essa solução insufficiente? Não, se considerarmos ainda as condições de emprego do fuzil-metralhador. Esta arma atira normalmente por pequenas rajadas, entre as quaes se intercalam periodos de silencio, algumas vezes muito curtos, outras vezes muito longos. O fogo continuo e mantido durante muito tempo sem interrupção é absolutamente excepcional.

Ora, se um cano relativamente delgado se aquece mais rapidamente do que um cano espesso, tambem se resfria muito mais depressa; está pois em condições de melhor aproveitar as interrupções frequentes e breves.

A capacidade de tiro obtida permite fazer face ás diversas eventualidades que se podem qualificar de «normaes», mesmo nas crises agudas, que são geralmente curtas; com effeito, o consumo, pelo emprego de carregadores inteiros, de algumas centenas de cartuchos não prejudica a arma.

Em caso de necessidade, — por exemplo, em se tratando de aniquillar por mais que custe uma ameaça persistente, — já não ha razão

para que se respeite a longevidade do material. A qualidade do fuzil-metralhador modelo 1924 é tal que, sacrificando o cano, é possível manter-se um tiro continuo de 2.000 ou 3.000 cartuchos.

*

**

A nossa nova arma automatica collectiva favorece a mobilidade⁽²³⁾. Esta qualidade depende por igual do *peso*, do *estorvamento* e da *manejabilidade*.

1.º O *peso* é sufficientemente reduzido e, por isso torna o transporte em bandoleira ou na mão pouco penoso, e facil a manobra. Não se devia procurar leveza ainda maior, porque sabemos que dahi decorreria, por um lado, diminuição da precisão e, por outro lado, a necessidade da adopção de um mecanismo menos robusto e cano menos espesso. Consequentemente, reduzir-se-ia a potencia do fogo.

A munição é mais leve do que a de 8 milímetros e fica alojada em um cofre-carregador que, apesar de sua maior capacidade e da melhor protecção que dá aos cartuchos, é muito menos pesado do que a do fuzil-metralhador 1915 (280 grammas em vez de 360). Resulta dessas duas vantagens que a esquadra de fuzileiros dispõe, em igualdade de carga, de um numero de cartuchos superior de cerca de um terço ao que tem actualmente (1.325 em vez de 988).

2.º O *estorvamento* é função, antes de tudo, do comprimento total da arma.

Está admittido que o fuzil-metralhador não atira além de 1.200 metros e já se reconheceu, por outro lado, que com um cano de 50 centímetros, não só se obtem excellentes precisões ás pequenas distancias e muito satisfactoria ainda ás medias distancias, como tambem, se se emprega o cartucho modelo 1924 C, uma velocidade inicial, capaz de realizar a zona perigosa para o homem de pé além de 600 metros.

Provida, como é, de um cano de 50 centímetros (um pouco mais longo, por consequencia, do que o do fuzil-metralhador 1915 ou do mosquetão), a nova arma é pouco embaraçosa.

Reforça ainda essa qualidade a pequena altura da caixa da culatra e o dobramento racional dos pés.

3.º Obtem-se a *manejabilidade*:

a) Pela regularidade dos contornos e pela redução ao minimo das asperezas incommodas;

b) Pela judiciosa repartição das massas, que faculta um bom equilibrio;

c) Pela adjuncção de um guarda-mão, situado abaixo do centro de gravidade, que permite ao atirador transportar facilmente o fuzil-metralhador, ainda que esteja aquecido, sem risco de queimaduras.

Além disso, a face esquerda da arma, com ser desprovida de qualquer saliencia, applica-se exactamente, durante as marchas, ás costas do conductor.

(Continúa)

(23) A mobilidade das metralhadoras, dos fuzis automaticos e, especialmente, a da arma automatica do grupo de combate, arma esta destinada a funcionar normalmente nos primeiros escalões das unidades que atacam, deve ser absoluta.

N. T.

Ligações da Infantaria-Artilharia

(Resumo de uma conferencia feita aos officiaes do 3.º R. I.)

Pelo Cap. J. V. Sayão Cardoso.

Convidado pelo Snr. Cel. Commandante, para fazer uma conferencia, sobre Artilharia, assumi a grande responsabilidade de vos expor uma das poucas questões não completamente solucionada durante a ultima guerra.

O relato que vos vou apresentar não merece o titulo pomposo de conferencia e sim, o de uma palestra intima de camarada para camarada. A minha exposição não tem um caracter pessoal, pois o assumpto aqui relatado, não é mais que o conjuncto de preceitos regulamentares, e algumas idéas tiradas de alguns compendios e das conferencias feitas pelos nossos mestres da Missão Franceza.

Para facilidade da exposição dividi o assumpto nas 3 partes seguintes:

1.ª — Estudo das ligações em geral (textos regulamentares) e as ligações da Artilharia-Infantaria; sua evolução e necessidade;

2.ª — Estudo da ligação Infantaria-Artilharia, suas condições geraes de funcionamento e seu objecto;

3.ª — Estudo dos meios de ligação.
Appendice sobre a ligação moral.

Primeira Parte

«A ligação permite ao chefe assegurar, em todos os escalões, o entendimento necessário ao exacto cumprimento das missões e á boa execução das decisões tomadas em consequencia; para isto o commandante de uma unidade deve estar em relação constante com a autoridade superior, com seus subordinados e com as autoridades visinhas.

«A ligação consiste:

—«Da parte do chefe em acompanhar de perto as operações dos escalões subordinados, transportando-se para junto dos commandantes das grandes unidades collocadas sob suas ordens, todas as vezes que julgue útil; enviando frequentemente officiaes do seu Estado-Maior em missão temporaria para verificar um ponto ou precisar uma situação;

—«Da parte dos escalões subordinados em levar ao conhecimento da autoridade superior suas operações e sua situação;

—«Da parte do commandante de qualquer unidade em manter relações com os commandantes das unidades visinhas.

«Graças as ligações de todas as espécies, o commando impulsiona a execução, e, coordena os esforços de todos, de modo a tornal-os em um unico, forte e coheso.

(Instruction provisoire sur l'emploi tactique des Grandes Unités — 1922; titulo 3.º, cap. 1.º, art. 4.º e n. 70 do citado regulamento).

«A ligação é funcção em primeiro lugar:

—«Da instrucção e educação militar da tropa, dos Estados-Maiors e dos Chefes de todos os postos. O conhecimento profundo das disposições regulamentares, a comprehensão perfeita das ordens do commando e de suas intensões e a disciplina intellectual constituem os melhores meios de assegurar a unidade de vistas e de acção;

—«Da execução das ordens tradutoras da vontade do commando, e de que resulta a convergencia de todos os esforços para o objectivo fixado por ella;

—«Das disposições de ordem tactica tomadas para estabelecer a continuidade de acção entre unidades visinhas (destacamento de ligação, etc...);

—«Do cuidado com que o commando, em todos os escalões, é informado da situação de suas tropas, das visinhas, do inimigo, estando, por consequencia, habilitado a tomar decisões correspondentes á situação;

—«Da rapidez com que são transmittidas as ordens e informações.

«As ligações materiaes estabelecem-se:

—«Entre o commandante de uma unidade e seus subordinados immediatos;

—«Entre os commandantes das unidades que operam em zonas de acção limitrophes.

«As primeiras permitem ao commando transmittir suas instrucções e ordens, completal-as se tal fôr o caso, e, receber em retorno, os esclarecimentos, partes e relatorios, que, precisando a pouco e pouco a situação, lhe proporcionam elementos para decisões ultteriores.

«As segundas manifestam-se por uma troca de informações que permite ás unidades visinhas combinarem seus esforços, para o exito commum e prestarem-se mutuo apoio. (R. G. U.).

Taes phrases, pela sua clareza, dispensam qualquer commentario e nos fornecem os principios geraes que regem as ligações. Singindo-nos, pois, a estas bases, estudaremos a ligação Infantaria-Artilharia. Antes, porém, de apresentarmos o problema vamos em breves palavras conhecer a sua evolução.

Até os meiodos do seculo XVIII, a artilharia só existia propriamente como arma para o ataque e defesa das praças fortes, sendo mui raramente empregada em campo raso e assim mesmo por meio de peças isoladas. Duas rasões muito fortes faziam com que della assim se utilisassem: 1.^a—A não existencia de uma arma organizada; 2.^a—Os processos de transporte rudimentares. Se a segunda pouco influe na questão de ligação, a primeira no entretanto é basica para tal assumpto. Não existindo a artilharia como arma organizada, as peças pertenciam portanto aos infantes que as empregavam onde e quando queriam; para isto tambem concorria o processo de conducção das peças, mui rudimentar e com arrieiros contractados para conduzil-as de um ponto a outro.

Ora, se tomarmos o acompanhamento immediato de hoje e o despirmos de suas condições de actualidade, veremos exactamente aquella artilharia do seculo XVIII. Até então não se podia, pois, cogitar de uma ligação entre as duas armas, pois que, uma dellas não existia.

Nessa época, porém, um francez de nome Griboval, organisou para o Exercito Austriaco a nova arma de campanha, a «Artilharia». Como é natural não surgiu, desde lógo, a necessidade de liga-

ção, porque se a primeira das condições, isto é, a organização estava realisada, a segunda continuaria a ser um problema em estudo. Assim é que, nos fins do seculo XVIII e começo do XIX, quando surgiu na Europa o grande mestre da guerra, as campanhas foram iniciadas com uma artilharia muito pouco manobreira, porém tendo uma organização real.

Napoleão, ao empregal-a, applicava a primeira das regras na sua utilização, que é a massa, no entretanto não sentia a necessidade de uma ligação directa entre as armas, isto porque ella se realisava por seu intermedio. Além disto, Bonaparte, devido, não só a pouca dotação de Artilharia, como tambem ao factor transporte do material, se viu na contingencia, para obter a massa, de empregal-a num só ponto, no qual queria obter a superioridade. Tal foi o seu proceder nas batalhas de Wagram e Austerlitz e o que em parte nos explica o fracasso de Waterloo, em que a natureza do terreno, casada com as condições metereologicas dos dias que antecederam á batalha, fizeram com que a Artilharia não pudesse agir em tempo contra Wellington, e este pudesse resistir o tempo necessario á chegada de Blücher.

Vimos até aqui que as ligações eram só estabelecidas entre o commando e a Artilharia, não apparecendo nenhuma ligação directa entre ella e as outras armas. Podemos então comparar este systema de ligação, com o que se emprega actualmente na preparação do ataque em que a Artilharia fica totalmente nas mãos do chefe.

Com o correr dos annos a industria metalurgica aprimorou os seus meios e com uma Artilharia mais manobreira iniciaram-se as grandes campanhas de 1866 e 1870, em que já então se começaram a sentir as necessidades de ligação entre as duas armas, conforme se deprehe de da leitura das cartas do principe de Hoenlohe. Não esqueçamos, entretanto, o Gen. Langlois, que é um dos grandes propugnadores do problema do combate da Artilharia em ligação com as outras armas. Os artilheiros porém muito preocupados com a technica que se aprimorava constantemente em consequencia do grande progresso industrial e scientifico do começo do seculo XX, e os infantes ainda não completamente scientes do valor material e moral que a artilharia lhes poderia adjudicar; uns e outros negligem-

ciaram o problema, cujas desastrosas consequências todos nós conhecemos, do começo da grande guerra. Neste sentido poderia lembrar o que diz o Gen. Percin, dando porém o desconto do exagero que sempre surge em situações como a sua.

Durante as campanhas de 1914 a 1918 o problema se apresentou em toda a sua magnitude, não só pela variedade de theatros, como pelas phases distinctas porque passou. E' assim que tanto na dura guerra de trincheira com o fluxo e refluxo da frente, (na França de 1915 ao começo de 1918) como nas montanhas e florestas Balkanicas, como nas estepes Russas ou nas areias dos desertos Syrios, lutando com todas as difficuldades relativas ao terreno, aos effectivos, aos abastecimentos e ás communicações, surgia a cada momento, o problema que ainda hoje carece de solução completa e ideal.

Examinemos agora como se apresenta a necessidade de ligação Infantaria-Artilharia. «A Artilharia só pôde agir efficaçamente se está em ligação com a Infantaria, em proveito da qual trabalha» (R. E. A. — 2.^a Parte).

A necessidade desta ligação subsiste qualquer que seja a phase do ataque, qualquer que seja a especie da operação, mas deve ser particularmente cuidada durante os periodos de movimento, em que as operações pela sua actividade tornam a sua manutenção difficil.

Durante um combate, o fluxo e refluxo da frente pôde occasionar variações nas necessidades da Infantaria ou porque progredimos ou porque retrogradamos. Assim na defensiva é preciso desencadear opportunamente a contra-preparação, os fogos de deter na frente dos defensores, afim de protegê-lo contra um ataque inimigo que se desencadeia, apoiar um contra-ataque das tropas amigas que parte etc... Na offensiva, ora a destruição de defesas accessorias que impedem a progressão, ora uma metralhadora inimiga que se revela, e que é preciso destruir sob pena de ver a progressão frustrada, ora um contra-ataque inimigo que se esboça e que é preciso aniquilar antes de produzir seus effectos, ora a protecção a uma manobra, etc...

Em todos os casos, entretanto, é preciso que a acção da Artilharia se produza no ponto e momentos desejados, fazendo-o em cada caso particular da maneira mais

efficaz e mais opportuna. Até aqui fizemos a apresentação do problema, sua necessidade e suas difficuldades, passemos agora a sua resolução com os meios de que dispomos.

Segunda parte

Ordinariamente admite-se que a condição necessaria e sufficiente para assegurar a ligação, é designar entre as diversas unidades de Artilharia de uma Divisão, uma de 75, que terá por missão especial apoiar uma unidade de ataque da referida Divisão, estas unidades conjugadas formando um agrupamento autonomo. Isto porém nos leva a encarar a questão sob os dois pontos de vista seguintes:

- 1.º) — Importancia absoluta e relativa das unidades a juntar;
- 2.º) — Modo de dependencia mutua.

A opinião mais geralmente admittida é que a unidade de infantaria a qual se deve affectar uma unidade de apoio, é o batalhão e que cada batalhão de ataque deve ter um grupo de apoio á disposição (dito de apoio directo). Tal solução foi de facto a que melhores resultados deu nas campanhas da ultima guerra, isto porém não deve ser admittido de uma forma rigida; a dotação em cada caso particular deve ser dosada com as necessidades tacticas. A solução acima portanto fica como um minimo desejavel a attingir.

Durante a grande guerra foi estudada bem a solução, de dar uma bateria de apoio para cada companhia de 1.º escalão, o que ainda encontra alguns adeptos na França; tal solução, porém, foi posta á margem não só porque a companhia e a bateria não são unidades sufficientemente dotadas para tal ligação como tambem pela real e penosa experiencia que foi feita; veremos mais adiante um exemplo citado pelo Cel. Roger.

A nossa doutrina repele *a priori* estas combinações; a unica regra é fazer a dotação em cada caso, conforme as necessidades da Infantaria. Essas combinações só podem ser levadas em conta quando se tratar de questões relativas á organização, e, isto mesmo, sujeitas ás modificações impostas pela guerra.

Quanto ao gráo de dependencia mutua em cada agrupamento, estudaremos as formas que foram experimentadas durante a

guerra. Segundo uns, a dependencia devia ser absoluta, isto é, a unidade da Artilharia deve estar sob as ordens immediatas do chefe de infantaria conjugada e exclusivamente, não tendo outra autoridade o direito de lhes dar ordens. Segundo outros, deve attender em primeiro lugar os pedidos da infantaria conjugada, porém, subordinada ao chefe commum. A solução finalmente adoptada, foi uma solução mixta, pois que se a primeira tem inconvenientes, como veremos adiante, também tem as suas vantagens nos casos de progressão rapida, em que os commandos se tornam de ligações difficieis ou quando as unidades recebem uma missão onde gozam de certa independencia. A segunda só podendo ser empregada numa phase em que os meios materiaes permitem a perfeita transmissão de ordens, tem mais vantagens no ponto de vista a tirar das duas armas, pela facilidade de applicação dos meios mais potentes num determinado ponto, faculdade esta que poderá dar oportunidade de romper-se o equilibrio a nosso favor; tem, porém, o inconveniente de necessitar de meios de transmissão mais completos e mais custosos. E' verdade que este segundo processo, aproveita o maximo rendimento da artilharia, não só pelo emprego em massa, como por poder ser applicada numa mesma phase do ataque em direcções diversas com intervallos de tempo minimo. ao passo que a infantaria é uma arma que engajada não póde mais mudar a direcção do seu ataque, pois ella não manobra sob o fogo.

Assim sendo adoptaremos a solução que fôr applicavel á situação tactica, preferindo, porém, a segunda (apoio directo), que nos proporciona a economia de forças, mas fornecendo a primeira (acompanhamento immediato) sempre que a infantaria possa ter resistencias a vencer que escapem á acção daquelle pela impossibilidade de serem seus tiros executados a tempo, o que advirá certamente nas phases de engajamento, inicio da perseguição, etc...

EXEMPLOS

(L'Artilerie dans l'offensive — Cel. Roger)

Em Outubro de 1915, uma divisão que mantinha o sector de LOOS-BULLY-GRE-NAY, prescreveu que cada companhia disporia de uma bateria em qualquer circumstancia, tanto na defensiva como na offensiva; não recebendo ordens senão do

commandante da companhia. As companhias eram, nesta occasião, commandadas por primeiros tenentes e segundos tenentes de reserva, a titulo temporario, cujos conhecimentos em materia de artilharia eram os mais rudimentares.

«Destruição com tres tiros de uma metralhadora vagamente assignalada».

«Tiro a 15 metros das trincheiras».

«Desencadeamento intempestivo de barragens, sob pretexto de verificar o tempo de desencadeamento e a posição».

Taes eram as ordens correntemente dadas ás baterias.

Durante a defensiva e em periodo calmo, isto não podia ter serias consequencias, além do consumo excessivo de munições; na offensiva, porém, e em periodos agitados estas medidas tiveram as mais graves consequencias; nesta época as divisões mais bem dotadas não possuíam além de dois a tres grupos de 75 e como havia seis a oito baterias repartidas pelas companhias, o general da Divisão não dispunha, para fazer face ás exigencias multiplas de situações inopinadas e constantemente mutaveis de mais que um grupo de 75. Em dado momento em que a pressão allemã se fez sentir com mais actividade, ao N. de LOOS, o commandante da artilharia divisionaria instinctivamente, pela força do habito, deu uma ordem a todos os grupos; mas uma nota o recorda immediatamente que as baterias estão á disposição das companhias e o resultado não se fez esperar, um ataque de btl. que poderia ser dissociado pelo fogo de um grupo, não o foi pelo de uma bateria.

SEGUNDO EXEMPLO

O ataque á herdade de BELLECOURT no periodo de 1.º a 8 de Outubro de 1918 (ataque á linha Hindenburg).

Os primeiros ataques falharam, sendo victoriosos sómente a 8 em que o apoio da artilharia foi feito de modo intelligente, concentrando os fogos de todos os grupos de 75 em pontos diversos successivamente, para desbaratar a defesa e, finalmente, o avanço sob a protecção de uma barragem rolante.

Os dois exemplos acima, diferentes, pela acção e resultado mostram bem as vantagens das soluções propostas.

Objecto da ligação Infantaria-Artilharia

O objecto da ligação Infantaria-Artilharia é a concordancia dos esforços no

espaço e no tempo, tendo em vista um objectivo commum; atingir a meta fixada pelo commando no menor tempo com o minimo de perdas para a infantaria.

Concordancia no espaço. — E' preciso que a artilharia produza o seu esforço no ponto desejado, aquelle em que a infantaria encontra resistencia, durante o tempo necessario com o maximo de potencia para obter o maximo effeito.

Esta concordancia tem por fim fazer trabalhar as duas armas com os seus meios particulares, em proporção determinada para quebrar as resistencias inimigas.

São condições para assegurar a concordancia no espaço: primeiro, a dosagem; segundo, a coordenação dos esforços da artilharia com os da infantaria, batendo cada uma objectivos apropriados aos seus meios, repartidos conforme o terreno.

Dosagem. — E' preciso que os meios de infantaria e artilharia sejam repartidos proporcionadamente ás difficuldades taticas e technicas da occasião. A artilharia repartida de accordo com as differentes resistencias que detêm a progressão da infantaria; a cada lance por esta realisado, corresponde uma situação differente da precedente e, portanto, nova questão a tratar, novo problema tactico a resolver. A solução deste problema reside em certo numero de acções distinctas (offensivas ou defensivas) simultaneas ou successivas de que se incumbem as unidades taticas.

São portanto elementos basicos da dosagem, isto é, da repartição das forças: «ordens» — que definem a missão e «informações» — que definem a situação.

Coordenação dos esforços da Artilharia com os da Infantaria, isto é, repartição das missões e estudo prévio dos pontos a bater de um objectivo, antes de atacal-o. Repartir pelos calibres as diversas missões de fogos e designar as unidades para effectual-as. O elemento basico da coordenação é o terreno que define as difficuldades materiaes, resistencia do objectivo, desenfiamiento, distancia, etc...

Concordancia no tempo. — Não importa que a artilharia produza o seu esforço no ponto desejado; mas, satisfazendo a esta condição, que o faça no momento opportuno. Para se obter a concordancia no tempo é necessario que a infantaria aborde os pontos a tomar immediatamente após á preparação. Como será possivel na pratica, obter essa concomitancia, alongamen-

to do tiro e assalto da Infantaria? Todas as respostas á esta pergunta tomam os aspectos seguintes: horario, pedido directo da infantaria, por intermedio do commandante da Divisão e systema mixto.

Horario. — Para a fixação de um horario, admite-se que a infantaria parta a uma hora determinada e, que se desloque com velocidade media de 100 mts. em cada tres ou quatro minutos; assim sendo, a artilharia regulará os seus tiros de modo que, de 3 em 3, ou de 4 em 4 minutos, suas alças sejam alongadas. Tal é o methodo geralmente empregado sempre que o ataque é acompanhado de uma barragem rolante. Este methodo tem seus inconvenientes, sempre que empregado isoladamente. Assim, póde a infantaria retardar-se por um motivo qualquer, ficando afastada da barragem e perdendo portanto seus beneficios, (neutralização incompleta dos defensores, pouca visibilidade, etc...) ou se ao contrario sua progressão fôr rapida, não poderá aproveitar esta vantagem, para chegar ao objectivo em menor tempo, sob pena de soffrer os effeitos dos fogos de sua propria artilharia.

Pedido directo da infantaria. — Neste, o tiro da artilharia mantêm-se sobre o objectivo até que a unidade de ataque peça para alongal-o. Este processo tem o seu principal inconveniente na rigidez porque é organizado, impedindo as modificações na dosagem; depende tambem dos meios de transmissão sempre passíveis de *pane*. Os signaes adrede preparados entre a infantaria do ataque e a sua artilharia de apoio devem ser simples e rapidos.

Por intermedio do commandante da Divisão. — Consiste em que este faça o signal que determina, ao mesmo tempo, assalto para a infantaria e alongamento das alças para a artilharia. Seria o processo ideal se não tivesse o inconveniente de exigir que o commandante da Divisão ficasse de posse de um observatorio que lhe facultasse ver toda a frente de engajamento da sua tropa, o que para nós, ainda o torna mais precario por causa dos effectivos das nossas Divisões e das frentes em que normalmente teremos que combater.

Finalmente o *processo mixto* que consiste no emprego simultaneo dos processos anteriores. Por exemplo: um horario para o ataque ao 1.º objectivo, combinado com signaes para deter, cessar, alongar e renovar o tiro, correspondendo cada um a

um augmento ou diminuição do horario de uma quantidade anteriormente fixada; um horario para a partida de cada um dos objectivos, susceptivel de augmento, ou diminuição de quantidades fixas relativas as alterações soffridas para os objectivos anteriores; entre cada um dos objectivos o processo de pedidos directos da infantaria; e concomitantemente com os horarios e pedidos, o systema de ligação pelo commandante da Divisão.

Terceira Parte

Meios de ligação.—As ligações utilizam: meios de informação e meios de transmissão.

Os meios de informação comprehendem o pessoal especial, mais commumente officiaes, cujas investigações contribuem para fornecer ao commando e á artilharia as informações sobre a situação e actividade das tropas amigas e tambem sobre o inimigo que se lhe oppõe.

Os meios de informações são: agentes de ligação do commando, agentes de ligação infantaria-artilharia e a observação (terrestre e aerea).

Meios de transmissão.—Permittem aos diversos escalões do commando assim como aos agentes de informações de fazer chegar aos seus destinatarios as ordens, partes, etc... Os meios que podem ser utilizados são: telephone, telegrapho, T. S. F., T. P. S., signalisação optica, a braços, signalisação acustica, por painéis, por artificios, agentes de transmissão, pombos, cães estafetas e projectis-porta mensagens. Deixo de estudar mais detalhadamente este assumpto por não estar incluido no programma desta palestra.

Funcionamento dos meios de informação.—A Artilharia recebe informações preciosas sobre a situação da infantaria e do inimigo pela observação terrestre e aerea.

Estas informações são completadas com as fornecidas pelos agentes de ligação destacados junto á Infantaria.

Destacamento de ligação.—No curso das operações, offensivas ou defensivas, cada agrupamento, ou sub-agrupamento, ou grupo de artilharia, encarregado de apoiar directamente a Infantaria, destaca junto della um official chefe de ligação, que tem sob as suas ordens um destacamento comprehendendo:

—graduados, artilheiros, esclarecedores e agentes de ligação;

—telephonistas e signaleiros com o material necessario (telephone, apparatus opticos, bandeiras, etc...).

A composição—de um destacamento de ligação junto a um batalhão ou regimento de infantaria não pode ser fixada de uma maneira invariavel—uma vez por todas; depende, ao mesmo tempo, da organização do commando da Infantaria e dos recursos em pessoal dos grupos encarregados de fornecer o destacamento, bem como da situação tactica.

A missão do destacamento é dupla, consistindo em informar: 1.º) ao chefe que o destacou a situação e as necessidades da Infantaria, transmittindo-lhe os pedidos desta sob uma forma susceptivel de exploração pelas baterias; 2.º) ao commandante da Infantaria, o apoio que lhe póde dar a Artilharia que elle representa.

Para que o official chefe da ligação possa satisfazer a sua missão é necessario que esteja perfeitamente ao corrente do que a Artilharia póde fazer, e que o chefe da Infantaria, perto do qual se acha, lhe informe constantemente sobre a sua situação e necessidades.

Nem todas as informações têm a mesma importancia; uma informação só é verdadeiramente util para a Artilharia quando sufficientemente precisa para servir á abertura do tiro. O official de ligação deverá então esforçar-se para enviar informações precisas e completas, provocando, em caso de necessidade, os esclarecimentos que seriam precisos; deve aproveitar todas as occasiões para fazer chegar ao seu chefe, mesmo por vias indirectas, uma parte escripta contendo um resumo das informações.

Para que esteja a altura de sua missão, durante o combate, é indispensavel que se ache familiarizado com a missão e, em particular, com o terreno no qual deverá operar; é preciso igualmente que tenha instruido todos os seus subordinados em vista do papel de que serão incumbidos durante a acção. Neste trabalho preparatorio, o chefe da ligação deverá pôr-se constantemente em ligação com o official de informações do regimento de infantaria.

A proporção que o combate se desenvolve, o chefe da ligação recolhe informações de toda natureza, quer provenham de verificações pessoas ou dos seus subordinados, quer fornecidas pela Infantaria.

A segunda parte da missão, que não é mais facil, consiste em fazer chegar ra-

pidamente á Artilharia as informações collidas. Para isto, o chefe da ligação dispõe de meios de transmissão proprios: telephone, optica e corredores; com a autorisação do chefe da Infantaria, póde também utilizar os meios de transmissão desta.

As instrucções sobre as ligações prescrevem formalmente que a ligação telephonica entre a infantaria e a artilharia que a deve apoiar, seja dupla, isto é, um circuito installado e conservado pela Infantaria e um circuito installado e conservado pela Artilharia. Ao lado do telephone, os outros meios de transmissão podem prestar os maiores serviços; é preciso prever o funcionamento de todos os meios de que se pode dispor, organisando cada um delles como se devesse bastar a si mesmo e como se todos os outros falhassem.

LIGAÇÃO MORAL

As ligações materiaes até agora estudadas não bastam, além dellas, é preciso que artilheiros e infantes se conheçam e se apreciem, que se estabeleça entre elles confiança reciproca e verdadeira camaradagem de combate, quer dizer, que a ligação material seja completada pela ligação moral entre as duas armas.

Só nestas condições é que infantes e artilheiros trabalharão verdadeiramente em completo accordo.

Como estabelecer esta ligação moral?

Póde ser assegurada desde que, a partir do tempo de paz, artilheiros e infantes pratiquem juntos: conferencias, trabalhos em commum sobre a carta, trabalhos de conjunto no terreno, visitas constantes, estagios de infantes na artilharia e artilheiros na infantaria. Assim se procedendo, no dia em que formos chamados a defender a Patria, poderemos continuar as relações por meio das medidas conhecidas, de estabelecimento dos postos de commando correspondentes da Infantaria e Artilharia nas visinhanças uns dos outros, visitas frequentes á Infantaria e nos periodos calmos estagios de infantes nas baterias.

Não esqueçamos porém, que a base fundamental da ligação moral é a *unidade de doutrina*. Que raciocinemos todos pelo mesmo methodo e assentemos nossos raciocinios nos mesmos principios, é imprescindivel. Sem isso não ha ligação moral possivel, porque esta não é senão um meio empregado para realizar a coordenação dos esforços, necessaria á «ECONOMIA DE FORÇA».

As nossas edições

Com o presente numero atingimos o p-nultimo mez do actual semestre. Isso quer dizer que, mais um numero, e teremos *mudado a côr da capa*.

Embora a nossa capa esteja em vespervas de ser mudada em circumstancias ambientes mais favoraveis que doutras vezes, nem por isso deixamos de começar desde agora *o alerta* aos nossos representantes, assignantes e, de modo geral, a todos quantos ainda veem em «A Defesa Nacional» ponto de apoio solido á affirmação de nossas ideias.

Os nossos esforços em bem servir são manifestos. Desde que retomamos a publicação mensal temos trazido sempre *40 paginas de texto ou seja mais 8 que os numeros simples de outros tempos*. Com isso visamos obter espaço para artigos-estudos estimulando assim a collaboração a sahir do julgamento ligeiro e superficial dos assumptos. De outro modo, preparamos aos poucos a nossa Revista para ampliar a sua circulação, evidentemente por comportar, ao par dos assumptos estrictamente da technica profissional aquelles de ordem geral que interessem a defesa militar do paiz. É a nossa tendencia de ir progressivamente augmentando o numero de paginas até que possamos ter o vulto que, no estado actual das nossas coisas militares, estão exigindo as tradições de «A Defesa Nacional».

Os artigos a que referimos — amplos, fundamentados, systematizados — começam a apparecer, como se póde verificar em alguns de nossos ultimos numeros. Isso nos leva a pensar em continuar a bibliotheca de «A Defesa Nacional» mediante «separata» dos trabalhos de maior utilidade e melhor lançamento com que nos distinguam os nossos camaradas.

Tudo isso, porém, nada significará sem *o apoio material dos nossos assignantes*. Quantos trabalham nesta casa ou a frequentam sabem em detalhe a fé e a energia, o arrojo que traduz a situação actual de nossa Revista. Assim, ao mesmo tempo que, no proximo anno, teremos de levar adeante, porfiadamente, a ampliação crescente dos nossos propositos, ha em jogo a tarefa de consolidação do esforço que estamos a termo de findar.

O objectivo desta «nóta» é pois preparar os espiritos para a nova jornada. Todos nós esperamos phase nova de trabalho, de actividade, á altura da qual deverá estar «A Defesa Nacional» tanto mais que, na medida das circumstancias, estamos certos haver cooperado para a rarefação do meio ambiente. Ha trabalho vultoso iniciado, excellentes expectativas. Cumprenos continuar aquelle, realizar estas. Para isso não bastam qualidades de espirito, acção intelligente, vontade pertinaz — *imprescinde pontualidade na satisfação dos compromissos materiaes*.

A Proposito do Problema da Remonta

pelo Cap. J. B. Magalhães

«As circumstancias do Brasil são supremas e, em conjecturas tão sérias, a indiferença ou o medo é um crime, quasi sahio-me da penna, é o assassinio da Patria. O verdadeiro veneno, o que mata não é o exame e o debate, é o erro e a illusão».

Conselheiro Paranhos.

Convenio de 20 de Fevereiro.

INTRODUCCÃO

Da pouca attenção que ao problema da remonta têm prestado os que o devem resolver, depreheende-se necessariamente não ser sua importancia avaliada e, por isso, não serem tidos em boa conta a *urgencia* e a *premia* em se o resolver.

A orientação tomada nas diversas tentativas esboçadas de solução, a pouca actividade e energia nas execuções, e os fracassos sempre consequentes, revelam de outro lado, incontestavelmente, um certo desconhecimento do assumpto que é aliás a unica explicação digna para uma tal situação.

Não é isso por falta de estudiosos que encarem de frente e minuciosamente investiguem nossas conveniencias e necessidades na questão, evidentemente cada vez mais diffices de satisfazer.

Estudos vêm sendo feitos desde os tempos imperiaes, donde surtem as mais patrióticas e engenhosas proposições, sendo justo se destaque os memoraveis trabalhos de Luiz Jacome de Abreu e Souza (*) que a bem dizer foi o grande iniciador de nossos progressos hippicos e da regeneração da raça cavallar.

Apezar, porém, desses esforços de patriotismo de alguns cidadãos, tem dominado sempre nos governos uma verdadeira ogerisa em tratar definitivamente da magna questão, parecendo não reconhecerem elles a importancia preponderante nella exercida pelo factor tempo.

Suas raras tentativas têm sido sempre incompletas e sem continuidade, abortando talvez por não darem resultados impressionantes á vista desde logo, o que parece é particularmente grato ao nosso feito.

Por outro lado, lado dos estudiosos, é verdade tem tambem o problema sido sempre tratado com visivel insufficiencia, deixando-se cada um dominar pelo aspecto mais conforme com suas sympathias intellectuaes ou deformações profissionaes.

O que mais tem, porém, attrahido as attensões é a questão zootecnica do melhoramento das raças onde a discussão chega a tocar ás raiz da paixão.

Ora, sendo esta embora uma parte importantissima do problema, não é absolutamente preponderante e tanto mais quanto o nosso cavallo crioulo possui qualidades militares incontestaveis, não obstante a duvida e a mofa que sobre elle attrahe o seu fraco porte e a sua apparencia ás vezes bizarra.

(*) Entre os trabalhos de Jacome cumpre destacar: — O cavallo na Provincia do Rio Grande do Sul, 1873; O cavallo na Provincia do Paraná, 1874; O cavallo, 1875.

Preponderante, absorvente mesmo é a *questão numerica*, sendo de notar que pouco nos adiantaria ter excellentes especimens si não bastassem ás necessidades.

De resto, pode-se actuar sobre o melhoramento da raça e não esquecer que o que precisamos sobretudo é de ter um numero avultado de equinos povoando os nossos campos.

A nosso vêr, o desprezo que o facto principal têm merecido dos que se occupam da questão, revêla falta de vistas geraes, de idéas de conjunto, que é ao mesmo tempo a causa principal de todos os fracassos ou causa unica das soluções incompletas.

Enfileirando-nos entre os sonhadores de nossa *possivel e facil grandeza militar*, vamos tambem expôr as nossas vistas sobre tão grandioso assumpto, estudando-o no ponto de vista do maior interesse nacional, o da *defesa*, crentes de contribuirmos desse modo, pelo menos indirectamente, mesmo em parcella minima, para a realisação, util e pratica, não phantastica, de um de seus mais fundamentais interesses.

Este estudo comprehenderá ainda as seguintes partes:

- I — Importancia Geral da Remonta.
- II — Posição do Problema da Remonta.
- III — Solução do Problema.
- IV — Observações geraes sobre o regulamento actual.
- V — A Escolha do Regenerador.
- VI — Conclusão.

I

IMPORTANCIA GERAL DA REMONTA

E' incontestavel que a remonta constitue um dos elementos fundamentaes da boa preparação da guerra. E' o *cavallo* (resumindo-se nelle todos os derivados ou semelhantes) necessario não só á *composição das armas* como á *manutenção da vida* dos Exercitos.

Sendo elle um elemento caracteristico, fundamental, irreductivel e insubstituivel como aparelho de guerra, não obstante os progressos atordoadores das industrias dos transportes, requer a mais acurada attenção.

Certo é que muitos assim o não avaliam, mas apezar do que avançam os *futuristas da guerra* não ha ainda, para um senso normal e bem equilibrado, indicios certos de que delle venham a prescindir os exercitos, mesmo no caso particular de seu emprego europêo.

Si assim é para a Europa, obvio se torna concluir que a importancia guerreira desse ani-

mal redobra muitas vezes de valor nos theatros de operações sul americanas.

Não pode ser d'outra maneira. E' um meio de transporte que se não escravisa ao terreno e por isso é insuperavel; prescindido de estudos e antes tira partido dos accidentes do terreno que se deixa vencer por elles.

Seu rendimento é fraco nas longas distancias mas nas medias e curtas equivale ou supera a dos outros meios de transporte, mesmo onde haja numerosas e excellentes vias.

Sob o ponto de vista exclusivo dos transportes de renunciamiento, reabastecimento, reaprovisionamento e nos das evacuações de toda especie, é claro que o automovel e a via ferrea, podendo *trafegar*, dispensam-no.

Mas nas montanhas, mesmo europeas e nos nossos immensos espaços incultos e de exploração apenas iniciada ou retardada, onde as estradas são raras e más as que existem, que seria da vida das tropas em campanha si não fossem os comboios de cargueiros?

Pode-se ainda conceber que os progressos da industria venham a banir a tracção animal da artilharia, dos comboios e parques de toda ordem num futuro mais ou menos proximo por que estes, sendo viaturas, ficam sujeitos ao terreno. Mas os transportes a dorso?

Supposto mesmo attingido este limite extremo de ser dispensavel em toda parte o auxilio animal para o transporte de cargas, não veriamos desaparecer a necessidade da remonta, nem sua importancia decresceria, a menos que dos exercitos não mais fizesse parte a *cavallaria*.

Seria isso possivel? Não são novas nem raras as inectivas contra este admiravel instrumento de *manobra* e de *força* dos exercitos.

**

Os romanticos da guerra não se têm cansado de badalar prenuncios de proximos senão immediatos funeraes, a cada nova invenção, hontem do *fogo*, hoje dos *transportes*.

De cada nova guerra, porem, que ella emprehende, desapparelhada e menoscabada, retardada e deformada pelos erros de interpretação dos ultra progressistas, resurge mais activa, rejuvenescida e util. Nem os progressos mecanicos dos transportes, nem os serviços estrategicos e tacticos da aviação, que a leviandade de certos tem crido em substituição aos da cavallaria, puderam ainda dispensar o *cavallo* de presiosissimo instrumento de guerra, nem a cavallaria de desempenhar suas eternas missões.

Ao contrario, de todas essas maravilhas da industria moderna tem a cavallaria tirado o seu partido e com ellas acrescido o seu poder e o seu valor.

Assimila os meios novos e evolue: assim com o *fogo*, assim com os transportes. Utilisa-se da via ferrea e até do automovel, quando o rendimento desses meios, em velocidade, supera ao seu; e da aviação se serve a guisa de lente com que se lhe reduzem a vista as distancias e se ampliam os horizontes, ou melhor, como um guia na procura dos grossos inimigos.

Isto é uma verdade em toda parte. Aqui assume formidaveis proporções porque a via ferrea, o automovel e a aviação de informação, têm rendimento minimo, por sua escassez, pelas difficuldades de vida e por causa da abundancia de *camouflages* naturaes.

Espere-se muito dos autos *lagartas*, mas não se conte desde já com o que não podem fazer; dê-se toda importancia ao que a aviação vir, porém não se deve esquecer que uma *macêga*, uma simples variação no matiz dos campos, cousas em que 'nossas terras são férteis, bastarão muitas vezes para occultar um inimigo interessante. De resto, é preciso não olvidar que a aviação diz eu o *vi*, mas a cavallaria informa *eu o tenho*.

**

O progresso industrial só affectará a cavallaria, no dia em que surgir um meio mecanico equivalente ao cavallo como *transporte individual*: flexivel, capaz de desbordar ou saltar os obstaculos com que o inimigo interromper as vias de communicações; capaz de atravessar rios a vao e a nado etc.

Basta attender-se, para comprehender esse phenomeno a que o *transporte colectivo* é cego e não leva as tropas em guarda para o combate. Necessita sempre de uma *cobertura* e as tropas de serem *informadas* no fim do movimento. Sem isso estariam ellas obrigadas a desembarcar muito aquem dos pontos onde seria necessaria sua intervenção, perdendo tempo em chegarem até lá; ou avançariam de mais e uma surpresa inimiga dar-lhes-ia bôa acolhida.

Não perecerá a importancia da cavallaria na guerra porque «La cavalerie, comme l'infanterie, est éternelle, parce que, si celle-ci est la *Force*, celle-là est la *Vitesse* et que ce sont là les deux éléments principaux de la guerre. Leur combinaison seule permet la manœuvre sans la quelle il n'y a ni tactique ni strategie, sans laquelle il n'existe ni science ni art de la guerre.

Il y a toujours de missions vitales que ne peuvent être remplies que par la vitesse, la souplesse, la ruse et la surprise — propriétés que pour le moment sont l'apanage exclusif de la cavalerie». E isso porque: «c'est grâce a ces chevaux avec le quels elle put toujours précéder les troupes transportées en chemins de fers, couvrir leurs débarquement, les éclairer et leur remettre les point tenus».

Attendamos ainda a que o caminhão automovel, com ou sem *lagarta*, não daria meios a nenhuma tropa de se fazer *arma de parada*. Diz ainda Audibert: (*) «Dans la participation à la bataille defensive nous avons vu que la cavalerie, em 1918, a plusieurs fois prouvé qu'elle était bien l'arme de la parade, parce qu'elle est toujours arrivée à temps, là où le chemin de fer ne pouvait conduire les troupes, là où les camions — retardé par les encombrements des arrières inherents aux periodes de crise — ne parvenait que difficilement, là où seule elle était capable d'éclairer l'iuconnu, de s'avancer vers l'ennemi, de trouver les brèches et de s'y appliquer exatement.

Dans la *bataille offensive* il est evident que la force destinée à l'*achavement* ne saurait entrer en camions dans la lutte». E mais adiante: «La cavalerie peu s'engager dans la zone des destructions, car elle empruntera les chemins de fer, des sentiers de bois, de pistes en corniche interdit aux camions et même aux véhicules en chenille, ou bien elle contournera à travers champs

(*) Todos estes trechos são extraidos do artigo — Suppression de la Cavalerie? de Audibert, na Revue de Cavalerie de (?)

les entonnoirs. Et elle aura la même souplesse pour échapper, par une retraite, à un encerclement».

*
**

Finalmente, mesmo que a prodigiosa industria atingisse á maravilha de um *cavallo material*, á gazolina, seria sempre util cogitar-se no paiz de um problema da remonta. Interessaria sempre, no minimo quando o *cavallo animal* fosse servir apenas como elemento subsidiario á alimentação do homem. O uso de sua carne é bastante espalhado na Europa e ha ainda quem della faça entusiastica propoganda.

II

POSIÇÃO DO PROBLEMA DA REMONTA

O conjunto de medidas adoptadas para prover os exercitos em suas necessidades em animaes, quer na paz, quer na guerra forma o que se chama *Remonta*. A expressão theorica do problema da remonta é muito simples, como se vê; mas a solução pratica é difficil.

No caso pratico duas condições iniciaes se impõem desde logo: uma, que é necessario satisfazer ao caso de guerra cujas previsões são muito dilatadas; outra, que os *animaes* possuam certas qualidades apropriadas aos serviços que devem prestar. Ha, porem, uma terceira condição que a todos sobrepuja, é a de que esses animaes, assim bons e numerosos, *devam existir no paiz*.

Uma nação dependente do estrangeiro nesse particular, tem sua segurança ameaçada, porque não lhe é permitido accumular em depositos largos e sufficientes recursos como se dá para os materiaes. Mesmo para esses, a facultade de accumular o necessario, fica muito restricta pelas aperturas financeiras e é preciso contar com um fornecimento continuo. (*) Si as nações europeas não se embarçaram muito na grande guerra com a falta de cavallos é que tinham os mercados do mundo á sua disposição. Será esse sempre o caso?...

*
**

A remonta deve prover ás necessidades da paz e as da guerra. Entre estas ha uma *formidavel* desproporção de exigencias que é onde reside justamente a grande difficuldade do problema.

As necessidades da paz obedecem a uma media fixa e facilmente apreciavel; as da guerra dependem das condições em que ella é feita e de sua duração.

De outro lado, a transição entre a paz e a guerra é brusca e violenta, tornando-se tudo de natureza urgente. Os effectivos iniciaes de partida, que se podem calcular, apparecem multiplicando muitas vezes os da paz.

(*) Pedimos aqui a attenção do leitor para o bem elaborado e documentado estudo dos Sr. Major Veterinario Ferreira e Tte. Pimentel — publicado na «Defesa Nacional», de Setembro ultimo. Ahi se vê a que formidaveis numeros se chega na guerra em relação á remonta.

A media das substituições a effectuar torna-se incerta, mas sempre muito maiores e sem nenhuma relatividade, no tempo e na quantidade, com as da paz. E' que alem do numero de animaes em serviço, influem poderosamente nas baixas, a alimentação que se torna menos abundante, o trabalho que augmenta, os cuidados hygienicos que diminuem e as intervenções pouco amaveis do inimigo.

No caso da paz qualquer solução serve: tudo é recurso. Haja o dinheiro necessario que sempre haverá o que comprar, seja no paiz seja no estrangeiro. Bastará determinar-se uma media das substituições a effectuar e faltas a preencher, e providenciar para ter em deposito com pequena antecedencia o numero necessario, não importa onde adquiridos os especimens.

Na guerra, desaparece esse aspecto singelo. Não se pode estimar com approximação segura, o effectivo a prover porque, além de se não poder prever a duração da campanha, as baixas são variaveis e muito irregulares. De outro lado, é indispensavel que esses recursos existam, porque o recurso do estrangeiro é sempre duvidoso e incerto.

No nosso caso, em que as *vias de communicações* principaes são *vias marítimas*, seria preciso possuir o dominio absoluto do mar, para poder contar-se de um modo mais ou menos certo com os recursos de aquisições no estrangeiro.

*
**

Como, pois, achar no paiz as remontas indispensaveis á guerra, numerosas e boas? Como provocar e manter a existencia no paiz de tão vastos recursos, desproporcionaes aos usos da paz? Porque é preciso pensar que a vida civil, agricola e industrial, vão continuar a ter necessidades e que não são só as do exercito que urgem prever.

Um *systema de remonta* visando a solução deve então ser mantido pelo Ministerio da Guerra tendo sobretudo em vista estimular e provocar a existencia de especimens numerosos.

Ao Ministerio da Agricultura que é o orgão administrativo tecnico, incumbe fomentar a melhora da qualidade, si bem que o Ministerio da Guerra nisso possa ter grande influencia pela predilecção e selecção de suas compras.

Dada, porem, a nossa situação particular, e a falta de um orgão central capaz de coordenar a acção dos diversos departamentos, governamentais fazendo-as convergir na solução dos problemas da defeza nacional, o interesse maximo e mais directo do Ministerio da Guerra no assumpto, torna admissivel sua intromissão na questão do melhoramento das raças, pelo menos, provisoriamente, criando e fornecendo reproductores.

Um erro, porem, profundo e grave, será sempre pretender criar para suas proprias necessidades, como veremos mais adiante.

Isto posto, estudemos agora a solução propria ao problema da remonta.

III

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

A solução do problema da remonta, como vimos anteriormente, visa necessariamente dois

aspectos geraes: obter no paiz, em primeiro lugar, o numero de animaes necessarios á guerra; desenvolver ou melhorar as qualidades dos animaes existentes no paiz, as qualidades proprias aos serviços que hajam de prestar.

Esses ambos aspectos são intimamente correlatos e a actuação do governo nos dois sentidos deve e pode ser parallela e concomitante.

Mas, si para obter o numero, desenvolver o numero, basta apenas estimular os criadores comprando-lhes os productos por um preço conveniente e numa proporção certa, razoavel e justa; para obter a qualidade é indispensavel orientar esse mesmo criador e fornecer-lhe ao mesmo tempo o elemento regenerador, ao par da acção natural e efficaz pela preferencia estipulada nas compras.

Ha ainda, ao encarar a solução do problema da remonta, a necessidade de ter em conta a incompatibilidade expontanea existente entre o numero e a qualidade, pelo que, não perdendo de vista esse caracter relactivo da questão, deve se preferir obter no paiz numerosos criadores de bons productos a poucos criadores de maos e numerosos productos.

De qualquer modo, porem, a unica solução universalmente hoje acceta para este problema, e felizmente já reconhecida entre nós, reside num bom systema de actuação por intermedio de uma organização de depositos de remonta.

Esses depositos distribuidos convenientemente em todo paiz e tendo sua acção regulada por um órgão central serão os elementos que vão mais directamente agir sobre o phenomeno da criação.

Emquanto um órgão central e principal da Remonta ligará entre si as actividades dos depositos, servir-se-á delles para prover ás necessidades do Exercito na paz e na guerra e entrelaçará sua acção com os outros departamentos da administração republicana no que concerne ao assumpto, esses depositos funcionando como os unicos órgãos de recrutamento de animaes para o Exercito na paz, devem ser organizados, constituídos e montados visando sempre o duplo interesse: estimular o desenvolvimento numerico das existencias no paiz; melhorar, a qualidade da producção.

Só assim, como instituição militar, poderá o serviço da remonta, visar o objectivo principal de todo mecanismo militar: colimar sua utilização na guerra.

Das considerações acima feitas é-se naturalmente conduzido a concluir que os depositos devem ser numerosos, o mais possivel, e localizados de accordo com a situação agricola do paiz, para que fiquem, elementos estimulantes e estimulados, o mais approximados possivel, donde resultará um desenvolvimento maior dos centros de criação.

Por outro lado, d'ahi resultará um conhecimento mais facil e mais intimo das condições productivas de cada zona agricola e portanto melhor reacção da Remonta sobre ellas.

No ponto de vista mais estrictamente militar da questão, renovação e manutenção dos effectivos animaes, na guerra e na paz, vae a organização da remonta calcar-se em outras considerações.

Resumindo, poderemos grupar assim as questões a considerar nos depositos de um systema de remonta:

- a) organização geral e funcionamento, ahi comprehendendo o conjunto de medidas permitindo do melhor modo sua actuação directa ou indirecta sobre o paiz e suas relações com o Exercito;
- b) fixação do numero de depositos a estabelecer; sua localisação.

**

Tratarmos todas estas questões em detalhe seria alongarmos demasiadamente este artigo, sem um interesse urgente, e tanto mais quanto certos aspectos particulares já se acham encardados de modo aceitavel na regulamentação actual, mormente no que se refere ás relações entre a Remonta e o Exercito de paz.

Tocaremos, portanto, apenas nos pontos principaes onde nos parece haver insufficiencia, completando o apanhado sobre o conjunto da questão que tratamos por uma analyse rapida sobre a regulamentação actual.

Sendo, porem, o nosso objectivo construir procuraremos como militares, manter-nos sempre dentro da mentalidade unica capaz de realisações definitivas e de valor real, aquella que visa predominantemente a applicação ao caso de guerra e assim, na analyse referida só discutiremos os pontos principaes e que, em nosso parecer, não visaram evidentemente essa hypothese, guia de toda especulação e actividade militares.

As questões de organização e funcionamento envolvendo multiplos detalhes de importancia secundaria, só a ellas nos referiremos no decurso das considerações que passamos a estabelecer.

**

Tomemos a consideração do numero de depositos a estabelecer.

Dado o effectivo de paz de nosso Exercito, fraco e sempre reduzido, o numero de depositos a estabelecer a isso attendendo seria minimo: trez a cinco no maximo.

Mas tratando-se sobre tudo de fomentar no paiz a existencia do numero necessario á guerra, devem elles ser multiplicados muito além das necessidades da paz, não obstante as opposições dos recursos financeiros.

O ideal seria manter o numero de depositos relativo não só ás zonas de criação como á capacidade de producção de cada zona, fixando-se para cada deposito uma lotação base.

Assim sendo, a falta de saída dos seus productos, em vista de nossos fracos effectivos, dentro em breve os abarrotaria, o que faz pensar na necessidade de augmentar no maximo os destinos a dar aos animaes a serem adquiridos pelos depositos.

Mas, visando a guerra, a multiplicação dos depositos é uma necessidade; como pois, dentro das condições financeiras actuaes alcançar o maximo?

Para isso, ha varias medidas a tomar:

- 1.^a tornar prohibitiva a importação de animaes cavallares excepto *garanhões* e fêmeas de raças puras;
- 2.^o eliminar, sem pensar em economia, mais rigorosamente os animaes do effectivo que se tornem menos proprios ao serviço do Exercito, em tempo de paz, sobretudo reduzindo as edades de serviço, ao maximo

de 14 annos e adoptando, com rigor, o minimo de 6;

3.º mediante accordo, ou outros meios, tornar os depositos fornecedores das *forças policiaes* e mesmo de empresas particulares.

Em summa o Governo Federal, attendendo á consideração suprema da defeza nacional deve constituir para si o *monopolio da remonta* com o fim, porem, de estimular a criação no paiz e nunca de suffocal-a.

Visto, desse modo, como é possível augmentar, embora pondo em segundo plano a quenzão financeira mas sem a desprezar, o numero de depositos, cellulas unicas capazes de estimular e regular as necessidades da remonta visando a guerra, encaremos outra quenzão não menos importante.

**

Deprehende-se facilmente que em vista de seu papel, a *localisação do deposito*, toma summa importancia.

Uma primeira indicação já foi feita anteriormente, a relativa ás zonas de criação, sendo naturalmente os depositos atraídos para o centro das zonas onde devem influir.

Mas os depositos são intermediarios entre a *criação* e o Exercito, quer na paz, quer na guerra. Devem, portanto, approximar-se dos pontos onde o Exercito vive na paz e onde as differentes hypotheses de guerra prevêm sua existenzia na guerra.

E' claro que só ha um meio de attender a tudo isso: é localisal-os nas zonas de criação proximo, ou melhor, a cavalleiro das principaes vias de communicação.

E', pois, uma quenzão de solução simples. Não são, infelizmente, só estas as unicas condições a que é preciso attender na quenzão: é preciso attender ao *regimem de vida*, ao modo porque vão ser mantidos os animaes nelles *existentes*, o que interessa sobretudo o aspecto financeiro da quenzão.

Os animaes dos depositos *devem ser adquiridos entre os 3 annos e meio* e os 6 annos de idade, mas só deverão ser entregues aos corpos a partir dessa ultima idade. Isto é o caso normal. Passarão, portanto, no deposito grande numero d'elles, 3 annos.

Mantel-os estabulados todo esse tempo seria muitissimo despensioso e inutil; crial-os exclusivamente a campo, á lei da natureza, seria prejudicial ao seu desenvolvimeto e ao seu aproveitamento ulterior na tropa, só sendo toleravel pensar nisso na faixa estreita de nossa fronteira sul.

Para o caso, a solução economica é a manutenção a campo com forrageamento artificial subsidiario e um *penso relativamente* cuidado, até 6 mezes antes do praso para entrega dos animaes aos corpos, quando os animaes passariam então a um regimem de estabulação completa.

Essa ultima medida é necessaria por que o corpo deve receber o animal já em estado de prestar serviços, saudavel e manso, a elle competindo apenas o ensino da *equitação militar*. E é preciso não esquecer que o cavallo não *forrageado*, como ainda ha quem sonhe, é uma chimera, hoje absurda na paz e notadamente na guerra, o que demonstrá a nossa muito longa e por demais retardada experiencia, e a consideração da guerra moderna.

Seja, porem, como fôr, na localisação dos depositos é preciso attender com cuidado á *natureza dos campos*, ervas, terras e aguadas, porque esses elementos influirão decisivamente sobre a qualidade da remonta. Não esquecer que a *raça entra pela bocca*.

**

O *funcionamento* e a *organisação* interna dos depositos ficam naturalmente sujeitas á sua missão: estimular a criação; fornecer ao Exercito; e dependem de sua *capacidade*, isto é, do numero de animaes que por elles devem transitar e da extensão e densidade agricola da zona sobre que actuaem.

E' uma quenzão de detalhe a regular facilmente.

Importancia, porém, capital reside no modo de suas relações com os criadores: é a chave mestra de seu successo, isto é, do successo da remonta.

Em synthese tudo depende do regimem de compras adoptado o qual deve poder inspirar ao criador *uma certeza de venda* de seus productos por um preço compensador.

Não podem ser, portanto, relações estabelecidas ao acaso e sem methodo.

Deve o deposito fixar suas condições de compra: *qualidades que os animaes devem satisfazer; preços porque serão adquiridos; numero de animaes a adquirir* e épochas de aquisição.

E para que haja *certeza* e possam suas funções assentar em base solidas devem os depositos organisar, cada um o seu *Registo de criadores Fornecedores da Remonta*; onde os criadores se inscreverão desde que possuam certas condições a estabelecer e definir: extensão e qualidade dos campos, numero minimo (60 a 100 eguas, por exemplo) de reproductores femeas; produção annual; *systema* de criação etc.

Nesse *Registo* os animaes seriam inscriptos individualmente, mas cousa alguma tem elle de commum com a *Estatística Militar*, cujo destino é differente.

Isso feito, os *criadores fornecedores* da remonta teriam preferenzia absoluta, mas proporcionalmente a quantidade e qualidade de sua produção, para os fornecimentos aos depositos, garantindo-lhes estes alem disso um minimo de aquisições animaes. Nenhuma aquisição seria feita em outra fonte, salvo o caso da insufficiencia destas.

Quanto aos *preços* seriam fixados por accordo entre a Remonta e os criadores, com antecedencia reactiva ás compras e de accordo com a classificação dos animaes, como estabelece genericamente o regulamento actual.

**

Resumindo: a solução da remonta é regional, mas deve interessar todo paiz.

IV

OBSERVAÇÕES SOBRE A REGULAMENTAÇÃO ACTUAL

E' incontestavel que o actual regulamento da remonta assignala progresso.

Reduzida ainda, porém, será sua influencia sobre o problema geral porque não o visa de frente e apenas o encara de soslaio.

O mechanismo geral, si só houvessemos de visar o caso da paz, poderia ser tido como suf-

ficiente, mas visando as necessidades da guerra apresenta graves faltas. Apenas parece o regulamento cogitar desse caso, caso unico essencial, o da guerra, quando nas attribuições do Director da Remonta manda organizar o *Registo de Estatística Militar*. Nenhuma palavra porem, diz sobre o que conteria esse *Registo*, nem sobre o modo de o fazer, os recursos para isso e os seus fins. E' possivel venham estas cousas tratadas em outro regulamento mas aqui, no da *Remonta* deveria figurar, no minimo, a classificação dos objectos do *Registo*, os animaes a utilizar na guerra, immediatamente ou posteriormente, não carecendo, sobre tudo, no que se refere ao limite maximo da idade, das mesmas *condições estimulantes* da paz.

O regulamento entrava ainda o desenvolvimento da remonta quando revela vistas locais e parciais sobre o problema, subordinando tudo ao caso particular do Rio Grande do Sul. E' um erro grave que revela desconhecimento da situação agricola e mesmo militar do Brasil todo.

Não deve ser o Rio Grande a sede central da Remonta, porque isso prejudica a acção desse órgão em relação ao resto immenso do Brasil e perturba suas relações com os outros órgãos principaes da administração da Republica, relações que devem forçosamente ser muito intimas e assíduas. A sede da Remonta, da direcção geral do serviço, órgão propulsor e coordenador principal do serviço, deve ser a Capital da Republica, como se dá para com todos os outros serviços do Exercito.

A consideração de que o Rio Grande é o maior fornecedor de cavallos é illusoria. E' o actualmente, porque só nelle se vão procurar os animaes e porque assim se procede sem exame de nossas condições e conveniencias.

De outro lado, é sabido que o Rio Grande do Sul não produz animaes cavallares em numero sufficiente, sendo dia a dia abandonada sua criação pela preferencia dos bovinos, avinos etc. Dadas certas condições, é sem duvida no extremo sul que temos maior interesse em desenvolver essa cultura, mas a nossa segurança exige que tenhamos grande interesse em tel-a nos outros pontos do paiz, e quiçá com vantagens por estarem ao abrigo de certas influencias bellicas.

De resto, ha no Norte do paiz, rebanhos numerosos e bons, optimos para a utilização na guerra. A esse proposito chamamos a attenção do leitor sobre o que escreveu Luiz Jácome em 1874 e que adeante transcrevemos.

Outro erro grave do regulamento é referente ao modo de fixação dos preços da remonta, cuja regra não tem qualquer valor pratico, por subordinar o preço do cavallo ao do boi e mormente ao do boi no Rio Grande do Sul.

E' uma consideração meramente phantastica porque nenhuma relação real existe entre o valor commercial de um e outro producto agricola, mormente tomando por base o Rio Grande do Sul.

São productos que se criam de modo differente e que exigem condições de campos differentes, diversas e mesmo contraditorias: — um dá-se bem nos banhados e pastos altos; outro, o cavallo, quer climas quentes, terras duras, pastos rasos... Um tem valor commercial desde os 2 annos e meio; outro só vale aos 5 annos! Um vai ao saladeiro medido pelo peso, tenha ou não defeitos physicos, chucro sem preferencia de pêllos; o outro, o comprador quer

que seja bello, de certos pêllos, sem defeitos physicos, de boas proporções, são, quando não se indaga ainda de quem são os pais!...

E como se isto não bastasse, a productividade de uma e outra especie é differente, desde o tempo necessario á gestação, como a propria utilização commercial das femeas e seus productos que é sempre favoravel á raça bovina.

Ha ainda a acrescentar que o campo, qualquer, comporta em geral $\frac{1}{4}$ mais de gado vacuum que de equinos, quando não mais ainda.

Porque então quer o Regulamento considerar o preço do cavallo igual ao do boi mais 30%?

O que é natural é que esses valores variem em ordem inversa, escasseando o cavallo quando os campos se abarrotam de outras especies e que os preços de uns procurem compensar os prejuizos causados por outros.

Como vimos já, só ha um meio pratico de fixar os preços: é por intermedio do proprio criador ou dos seus órgãos de classe ou então pelo estudo conveniente das conclusões do mercado, o que é permittido á Remonta que é um órgão especializado no assumpto.

O Regulamento commette ainda outro erro grave quando determina que os *depositos criem* e para o que lhes fixa 200 eguas!

O estado não pode nem deve ser *criador*; o mais que elle pode criar são reproductores, mas sem nenhuma idéa de lucros commerciaes, como faz o Ministerio da Agricultura.

Sua produção é sempre insufficiente, cara, não será a melhor e quando houver guerra, o criador particular desanimado pela concurrencia terá desaparecido, porque viu fechada a melhor porta para a saída de seus productos.

A criação mesma de reproductores cabe melhor ao Ministerio da Agricultura que ao da Guerra, mas pode-se aqui aceitar a intromissão deste.

Em todo caso devem ambos agir de accordo e evitar o erro zootechnico de querer substituir os imperfeitos elementos existentes no paiz por um *mosaico de raças* como está prognosticado no Regulamento da Coudelarias Nacionaes, na enumeração dos ganhões.

Em regra, os M. G. e da Agricultura trabalhando de accordo para a defesa nacional deveriam bem defenir suas acções: ficando as Coudelarias com o M. A.; e os depositos, servindo tambem de postos de monta, para os ganhões destas e podendo mesmo criar um numero reduzido de reproductores, com o da Guerra.

Passemos agora ao estudo da questão relativa ao melhoramento das raças.

V

A ESCOLHA DO REGENERADOR

E' esta uma das questões que mais têm sido debatidas entre nós, e aqui, apenas pretendemos, sem nos metter na disputa dos technicos da nossa zootechnia, expremir, externar nossas sympathias. Praticamente não pode ser maior a desorientação no assumpto e tanto que, mormente no Rio Grande do Sul, é raro já o typo *creoulo*, substituido por uma mestiçagem indefenida e desvalorizada com o cruzamento de varias raças, irregularmente e sem logica.

O nosso modo de ver pode ser resumido no que adiante transcrevemos de Luiz Jácome e cujos sabios conselhos parece nunca foram ouvidos.

Antes, porem, diremos que attendendo ao que já está feito e as largas sommas gastas

pelo governo com a propaganda da criação do *thoroughbred*, deve este ter um papel preponderante na restauração de nossas manadas equinas.

Não ha razão para que assim não seja porque «Le cheval de pur sang anglais est, à justetitre, considéré comme l'améliorateur par excellence de nos races de selle, mais à la condition de ne pas en abuser et d'employer, comme étalons de croisements, des geniteurs d'une bonne conformation, epais et compacts, près de terre, court dessus, long dessous et sans tares», conforme diz A. Gallier.

Mas não precisamos só de cavallos de sella dir-se-á mas nós chamaremos a atenção do leitor para as tabellas de cruzamento do General Dubois e lhe recordaremos que por meio de cruzamentos intelligentemente condusidos poderemos obter todos os typos necessarios.

Na remonta é preciso aproveitar sempre o que existe e não pretender tudo fazer de novo.

Não desconhecemos que ha dectratores do *puro sangue inglez*, e que geralmente são estes os entusiastas do arabe. A elles diremos que se esquecem que o *inglez* é um arabe aperfeiçoado, tratado pela civilisação, tendo dado mostras de utilisación na guerra inexcedíveis, desde as campanhas da Hespanha e Portugal, no tempo de Napoleão, em mão dos inglezes e da Russia com Napoleão e até agora na grande guerra.

Em todo caso leiamos Luiz Jacome de Abreu e Souza, o recordemos suas excellentes obras sobre este momentoso assumpto.

As condições do Brasil modificaram-se bastante d'ahi para cá não ha duvida, mas para tornar mais valiosas suas apreciações.

Diz Jacome «A provincia do Ceará parece predestinada para ser o ponto do Brasil, onde com insignificante despeza será facil conservar sem deterioração, o cavallo de *sangue puro* tal qual existe nos desertos do Sahara, no centro norte da Africa.

A natureza dos dois sólos, seus respectivos climas, as forragens finas e delicadas que aquellos produzem, em consequencia destes, tudo emfim entre esses dois torrões do nosso globo, se assemelha tanto como seus nomes.

De facto, apesar da lingua tão differente seus respectivos habitantes noto que a semelhança é grande entre *Ceará* e *Sahara*.

Quero d'aqui concluir que sendo facil conservar-se nos desertos do Sahara o typo da especie o cavallo *puro sangue* ou arabe, apesar do pouco cuidado que delle pode ter um povo nomade, dividido em tribus, que a todo momento saqueão-se mutuamente; e, attendendo á perfeita semelhança da topographia dos dois paizes, facil e pouco dispendioso será conservar-se no *Ceará* esse typo, sendo alli confiado ao homem civilisado.

O argumento mais forte que tenho para sustentar esta opinião é o proprio cavallo do *Ceará*: deminiu elle em altura e corpulencia, degenerou bastante é verdade; mas é em tudo semelhante ao arabe donde proveio.

E' com certeza o cavallo mais forte do Brasil; é de uma sobriedade igual a da mula, caminha dias inteiros consecutivos, recebendo apenas á noite uma fraca ração de grão; é elle que transporta o algodão e outros generos que o Norte produz do centro ao litoral; *conduz dez arrobas e sobre ellas o matuto encarregado da tropa!*

E' elle emfim que faz o arduo e quasi incrível trabalho com o gado vaccum, atravessando cerrados de espinho, por onde faz timbre o vaqueiro de seguir, passo á passo, a rez que persegue: *sieepie chase* original capaz de satisfazer á mais excêntrica cabeça dentre os spleeneticos filhos da velha Albion.

Nesse arrojado lidar, o certanejo do Ceará e do Piauí, coberto com sua vestimenta de couro se mostra superior ao destemido cavalleiro chileno dos Andes, que toda brida, vendando o seu cavallo com o ponche, obriga-o a lançar-se nos precipicios.

E', pois, no Ceará eu creio o logar onde se deve montar uma coudelaria para a creação esclusiva do cavallo *puro sangue* (arabe): a despeza de conservação desse estabelecimento será insignificante.

Por este meio o Brasil possuirá em uma de suas provincias, o typo da especie para nunca mais ter de recorrer ao estrangeiro.

No Rio Grande do Sul a conservação desse typo regenerador exigirá, como na Inglaterra, cuidados grandes e sommas fortes».

Não é de mais que os apologistas á *au-trance* do arabe por toda parte, meditem estas palavras de um homem perfeito conhecedor do assumpto e raro em todos os paizes.

A respeito do cavallo *thoroughbred* diz ainda Jacome: «Quando o cavallo puro sangue (inglez) é alliado a egoas de typo desejavél para sella — elle produz nas diversas subdivisões de sangue, o bellissimo cavallo de sella com que na Europa se monta a cavallaria ligeira».

E' agora facil concluir que a regeneração de nossa raça creoula pode assim resumir-se: intromissão dos *puro sangue inglez*, especialmente no sul do paiz; *arabe*, no norte.

Pode-se recorrer ainda á selecção directa do proprio creoulo, mas é isso um processo extremamente moroso.

E' preciso sempre evitar a todo transe, a mistura multiforme de raças cujos resultados são desastrosos: productos fracos e difficeis de fixar.

VI

CONCLUSÃO

Concluindo a longa, mas muito summaria exposição que vimos de fazer, pedimos ao leitor relevar-nos não havermos abordado as questões a que mais particularmente poderiam chamar-se *technicas em remonta*, e termos apenas tocado nos pontos que reputamos capitaes, para que não nos falte ou venha a faltar no minimo possivel, esse precioso instrumento de guerra que é o cavallo.

Taes questões referem-se a escolha ou fixação dos typos ideais dos animaes militares, forrageamento etc., sob os variados espectos da vida militar.

Concluindo ainda devemos pedir atenção para dois pontos: o interesse predominante do numero sobre a qualidade; e a importancia cada vez maior do factor tempo no problema da remonta.

O primeiro é obvio, quasi não precisa ser discutido porque a questão é sobre tudo de numero. Na qualidade é quasi que bastante realizar certas condicções, a que o nosso cavallo actual, mesmo degenerado, satisfaz de algum modo, desde que seja convenientemente alimentado. O que é absurdo é pretender que elle preste serviços na paz e na guerra sem forrageal-o.

Não ha raça que se preste a isso.

O segundo carece ser bem ponderado. E' preciso contar primeiro com a necessidade de uma larga propaganda intelligentemente orientada e com as resistencias naturaes que serão oppostas pelos criadores já muito desinteressados do assumpto e a quem a conducta dos governos tem levado a desconfiança. Depois no tempo necessario a que os primeiros resultados possam ser vistos, percebidos.

Quer isto dizer que a solução do problema da remonta deve figurar em successivos pro-

grammas de governo, e que tem de ser necessariamente progressiva.

Nada, porém, será conseguido sem que haja em toda parte, governo, Exercito e agricultores uma mentalidade predominante e duradoura. Criar essa mentalidade, fazer com que todos tenham pensamentos communs, pelo menos os fundamentaes, é a primeira obra a effectuar e de primeira urgencia; a origem deve necessariamente encontrar-se no Exercito e no Ministerio da Guerra.

Contribuir para isso foi nosso principal desideratum.

Novos dias

O novo governo, isto é, os homens que assumem neste mez, visceralmente historico em nossa Republica, as graves responsabilidades da direcção dos destinos da Patria, iniciam sob os melhores auspicios o desempenho de suas missões.

Não nos recordamos jamais de um começo de governo em que, pelo menos, no que diz respeito ás pastas militares, tantas e tão bellas esperanças se nos fizessem.

Limitavam-se os espiritos incredulos por sombrios horizontes, mas abrem-se todos agora em viva satisfação jorrando de si os mais acariciadores prognosticos.

Cria-se assim um ambiente imminente favoravel ao trabalho productivo e ao progresso real, que se emmoldura por um quadro de physionomias cheias de uma expressão sadiamente optimista. E' assim que o Exercito, descontente, dividido, pessimista, sem animo para o trabalho, de tudo descrente e em nada capaz de acreditar, transforma-se e apresenta uma alma nova.

No entanto, esse phenomeno admiravel produziu-se ao simples annuncio de certos nomes, como se estes encerrassem em si verdadeiros programmas, o que prova os immensos recursos de nossas cynergias.

Oxalá, e assim o cremos, nenhum só momento de desanimo paire novamente sobre nós e que, assim, sejam d'oravante definitivos nossos progressos.

E' grande a responsabilidade moral dos novos dirigentes e muito maior ainda porque encontram um ambiente que se faz espontaneamente, sadiamente optimista.

Tirar do caos a ordem e fazer nascer o progresso, eis sua missão.

Não é facil, mas vae-se desenvolver em condições que se fazem de improviso

estupendamente favoraveis. Por toda parte respira-se agora *optimismo* e o patriotismo de todos os *patriotas* se reconforta. Eis uma primeira condicção de productividade prehenchida; eis um primeiro serviço prestado pelo novo governo.

Ainda bem, que começamos bem.

**

Para que o rendimento seja maximo na *nova era* que vamos emprehender, é preciso notar que o *concurso* e a *actividade de todos* são necessarios.

Não basta desejar e esperar, é preciso sobretudo *agir*.

Bem sabemos que sem uma direcção efficiente, calma, toda de apósitos, impessõal, patriótica, onde as vistas gerais predominem sobre as preocupações de detalhes e migologicas, nada é possível fazer de definitivo e mesmo duravel nas menores esphas da actividade.

Quando as actuações centraes, porém, inspiram confiança e mostram-se a altura de seus deveres, é um crime ficar *inactivo e resistente*.

Cada um, pois, cujo ardor e interesse por esta cara Patria ainda não se arrefeceram de todo, ressurja com enthusiasmo, *interesse* e *individualidade* no cumprimento do dever, sem se importar com os que o não cumprem.

**

Que o Exercito se deixe embalsamar por estes novos ares, banhando-se sadiamente, chefes e commandados, nesta athmosphera rara de optimismo, são os nossos mais ardentes votos.

E' o optimismo a primeira condicção do progresso; é a unica *mentalidade* capaz de construir. *Para vencer, é preciso crêr na victoria*.

A matricula na Escola de E. M.

Considerando um palpitante assumpto — a matricula na E. E. M. — vamos abaixo transcrever importante artigo publicado na *France Militaire*, em que a necessidade e as vantagens do concurso como criterio unico de selecção para aquelle curso de seleccionados, são palpaveis e evidentes.

Digamos antes, porém, que attribuímos o insuccesso relativo dos *nostros* concursos, antes a defeitos de sua organização que a desinteresse de nossa officialidade. Vagas indicações o regem abrangendo vastissimos assumptos. Esse facto afugenta officiaes de responsabilidade que não querem arriscar-se a um insuccesso que não têm meios certos e seguros de evitar.

Reorganizado o programma do concurso, especificado convenientemente do que versará elle, certeza poderemos ter de que jamais serão tão raros os concurrentes.

Eis o artigo a que nos referimos no começo e traduzimos: «O general Hirschauer mostrou perfeitamente aqui, ha alguns dias, a necessidade do *concurso* para a matricula na Escola Superior de Guerra. Pedimos permissão para publicar sua opinião e acrescentar algumas palavras.

A preparação de um *exame* importante necessita um esforço muito serio. Este esforço por si mesmo é um grande bem e serve para valorisar o candidato. O official que se prepara para Escola de Guerra tem cerca de 30 annos. Para, nesta idade, exercer um labor tão rude é necessario desenvolver uma energia consideravel. Para arriscar seu amor proprio aos 30 annos, em um exame, sob as vistas de seus subordinados e camaradas, é necessario um acto de vontade digno de elogio. A melhor prova é que muitos vacilam. Este acto de energia, este acto de vontade, colloca na primeira fila os que formam já uma classe moral superior a d'aquelles que retrocedem ante o esforço.

A preparação do concurso tem por outro lado a vantagem de difundir um pouco o gosto pelo trabalho, nos regimentos. Ha guarnições onde se forma um pequeno circulo de trabalhadores que se emprestam livros e que trocam idéas, fazem tactica algumas vezes ou conversam sobre historia ou geographia em vez de irem ao café.

Esta atmospheria de trabalho intellectual é excellente; o serviço do corpo nada perde; o nível moral e intellectual dos officiaes lucra de um modo certo; é um resultado muito apreciavel.

O esforço e sobre tudo o *esforço intellectual*, engrandece o homem aos seus proprios olhos e a vista de todo o mundo.

Aquelle que se matricula assim, fica mais satisfeito consigo mesmo que se houvera sido admittido por protecção. O que não logrou ma-

tricular-se, aprendeu alguma cousa, quando não muito; sente-se melhor porque trabalhou, porque fez um esforço. O nível intellectual medio dos officiaes ganhou, por certo muito, e talvez tanto pelos *eliminados* como pelos *matriculados*.

Os officiaes de um regimento podem classificar-se nas categorias seguintes:

1.^a Os que dizem abertamente que não querem fazer o *concurso*; têm a franqueza de eliminar-se a si mesmos; invocam pretextos communs, dizendo que têm amor á tropa, mas, a timidez á vida de estudos são as mais facéis de discernir;

2.^a Os que se apresentarão mais tarde e protelam sempre; são os preguiçosos, os indecisos; *indesejaveis no Estado Maior*;

3.^a Os que accitam o programma e que algumas vezes abrem todos os meses o livro; são os vaidosos, os que retrocedem ante o esforço; seriam maus officiaes de Estado Maior;

4.^a Os que se preparam e não são admittidos; em geral não são capazes de orientar bem seu trabalho; *seriam bons alumnos* quando *tivessem* quem os condusisse ao exame na idade dos 20 annos, mas aos 30 não sabem trabalhar; seu trabalho, porém, não é aqui perdido, nem para elles nem para os outros; estes, elevarão o nível intellectual de seu regimento;

5.^a Os que são admittidos na Escola porque têm o espirito sufficientemente flexivel para adaptar-se aos novos methodos de trabalho e sobre tudo porque têm vontade de trabalhar a fundo, porque tiveram coragem de realizar o esforço completo. Em sua maior parte serão bons officiaes de Estado Maior.

**

A esta questão liga-se em geral a questão do numero conveniente e necessario á matricula todos os annos, para formar maior numero de diplomados.

Somos contrarios. O numero approximado de 80 officiaes por promoção não deve ser sobrepujado sem inconvenientes. O nível baixará rapidamente se se recebem na Escola demasiados officiaes; os cursos serão menos proveitosos se é demasiado grande o auditorio.

Os vinhadeiros das grandes vinhas não ficam satisfeitos quando a colheita é muito abundante; sabem que o vinho será peor; um tronco de videira não pode bem alimentar senão um certo numero de cachos. A quantidade prejudica a qualidade».

General de Cognac.

Subsídios para os quadros de reserva

(A nossa contribuição)

Informações — Partes — Relatórios (R. S. C. 69 e 74)

DEFINIÇÕES. — Os acontecimentos que ocorrem durante as operações bem como as informações colhidas sobre o inimigo e mesmo sobre as tropas amigas são comunicados aos escalões superiores e aos vizinhos interessados por meio das *partes e relatórios*. Nos Estados Maiores das Grandes Unidades são estabelecidos, além disso, os *boletins de informações*, por meio da reunião e comparação dos dados fornecidos pelas partes e relatórios.

A *parte* é o relato summario de um facto ou de uma situação, redigido no proprio momento em que os acontecimentos se produziram. E', em regra, escripta mas em caso de urgencia pôde ser transmittida verbalmente, convindo que na primeira oportunidade seja confirmada por escripto.

E' muito commum, mas não é regulamentar, dar-se a esse relato o nome de *informação*, principalmente quando communica informações sobre o inimigo.

O *relatório* é uma exposição mais completa e minuciosa, destinada a precisar, em caso de necessidade, uma ou varias partes anteriores ou a reunir as informações que estas contem. E' sempre escripto.

REGRAS DE REDACÇÃO. — Na redacção das Partes e Relatórios devem ser observadas todas as regras já aconselhadas para a redacção das Ordens e principalmente a condição essencial lá firmada: a parte deve ser clara, precisa e ter fórma concisa. *E' essencial que o destinatario lhe dê a mesma interpretação que o signatario lhe empresta* e que além disso mencione os dados uteis áquelle na comprehensão dos factos e no conhecimento da missão.

Para tal conseguir-se convem obedecer ás seguintes regras:

I — Quando se narra um facto citam-se com precisão os logares, data e hora em que se realizou.

II — Distinguir os factos sobre que tem certeza, por ter sido testemunha delles ou por ter verificado *de visu* sua realização dos cuja exactidão apenas presume ou cujo conhecimento foi obtido por ouvir dizer de terceiros.

III — Não se esquecer de indicar a fonte de informação bem como o gráo de

veracidade que lhe deve ser attribuida. Exemplo: Observei... O telegraphista de... informou-me ter apanhado uma communição de... para... Um viajante vindo de... informou que nesta localidade passou a noite 24/25 grupo de cerca de cem cavalleiros inimigos. O viajante parece-me sensato e merecedor de credito.. Etc.

IV — Uma informação sobre o inimigo deve conter:

1º. Dados sobre as forças reconhecidas (effectivo, armas a que pertencem e eventualmente numero dos corpos) — **QUE?**

2º. O momento preciso (dia e hora) em que se realizou o facto — **QUANDO?**

3º. Os logares onde se achavam nesse momento — **ONDE?**

4º. Sua situação, seus movimentos (em estacionamento, em marcha, em tal formação, dirigindo-se para... e, se fôr o caso, em tal andadura) e outras particularidades. — **COMO?**

5º. As forças empenhadas e os logares occupados pela unidade de onde provém a parte; os effectivos de seus elementos ainda disponiveis e as intenções de seus chefes.

V — Comunicar todas as informações recebidas e enviar todos os documentos que contenham indicações sobre o inimigo, sem demora e sem procurar julgar se são importantes ou não; tudo deve ser transmitido.

VI — Numerar as partes e relatórios e, se possivel, escrevel-os em alíneas numeradas para facilitar as referencias posteriores. Exemplo: (como se vê na parte n.º 2 das 15 hs., § III).

VII — Sempre que possivel, juntar á parte ou ao relatório um esboço simples, contendo sómente as indicações necessarias á facilidade da leitura do texto e para completar este, bem como os nomes e posições relativas dos logares mencionados no texto. Se o esboço é desenhado em folha separada mencionar nelle o titulo, o numero e a data da parte ou relatório correspondente. Não se esquecer de indicar a orientação e a escala do esboço mesmo que sejam obtidos com aproximação.

VIII — Registrar o nome e a qualidade do expeditor; o logar, data e hora

da expedição; a qualidade do destinatario e o lugar onde pôde ser encontrado.

OPPORTUNIDADE DAS PARTES.

— As partes contendo informações devem ser expedidas com muita frequencia. Em regra, nas situações de combate ha vantagem de organizar todas as manhãs uma parte contendo os acontecimentos das ultimas 24 horas. E' conveniente manter todos os escalões (superior, subordinados e visinhos) interessados ao par do que vae acontecendo. As informações servem de base para as decisões a tomar e de apoio ao estado moral quasi sempre abalado pela incerteza. Por isso, *ha grande vantagem de, remetter informações negativas, de tempos em tempos, e quando não houver nada a comunicar.*

MODELO DE PAPEL PARA AS PARTES. — Aconselha-se o uso de um blóco de papel multicopista para escrever as partes. Convem que o papel seja quadrículado para facilitar o desenho do esboço e de dimensões pequenas que permitam sejam levados na bolsa ou mesmo no bolso. Pódem tambem já conter impressos os dizeres permanentes (numeros dos regimento e Batalhão, local, data e hora da expedição, local, data e hora da recepção). Os enveloppes devem ser de papel espesso e pode ter tambem os dizeres impressos (Endereço, velocidade de transmissão, etc.).

REGISTRO DAS PARTES E RELATORIOS. — Como as ordens as partes e os relatorios são registrados e colleccionados com cuidado.

Os academicos e o officialato de Reserva

A primeira etapa vencida

Prestaram compromisso os primeiros academicos que, assim, ingressam nos quadros de reserva como sargentos.

« Muitos foram os chamados e poucos os escolhidos ». E' que a semente da propaganda, a palavra de fé nem sempre encontrou o terreno fértil mas, tambem, a rocha esteril. De outro lado, muitos são ainda os preconceitos pessoases e officiaes, bastantes para que se eliminassem grande parte da sementeira.

Se outros fossem os que se encontram á frente do movimento que se opera em nossas escolas superiores em prol do officialato da reserva, poder-se-ia suppô-lo fracassado. Contando porém com a vontade e o patriotismo dos nossos prezados camaradas que dirigem o empreendimento, pode-se contar que a cerimonia do Campo de São Christovam representa o mais bello dos esforços, a primeira etapa galhardamente vencida.

O vulto da empresa não permitiria outros resultados, pelo menos no presente momento em que a defesa da Patria foi relegada para o ultimo plano, em que o Exercito Nacional se desacreditou aos olhos da opinião, em que esta está subvertida, trabalhada pelas mais desconhecidas correntes reaccionarias.

E estamos seguros de que o senso pratico dos nossos camaradas permittiu-lhes agir com conhecimento de causa, de modo que ao em vez de decepcionados devem elles estar reanimados por novas energias em face dos poucos mas seguros resultados alcançados.

Cremos que, ao mesmo tempo que a turma de sargentos vencerá a segunda etapa, maior será o numero dos que despertarão para a nova jornada, assim intensifiquemos todos a propaganda, permaneçam firmes os abnegados trabalhadores da grande obra e entrem as nossas coisas militares na nova phase que todos esperamos.

A intensificação do recrutamento de officiaes de reserva é das nossas mais urgentes necessidades — tudo faz crêr que nenhuma das citadas condições para o seu exito venha a falhar. De nossa parte — além dos applausos insophismaveis que temos concedido ao committimento — não cessaremos de apoiar-o com firmeza

Com essa affirmacão aqui deixamos os nossos mais effusivos cumprimentos aos instructores e instruendos de tão bella jornada civica.

BIBLIOGRAPHIA

Recebemos e agradecemos:

- Revista Militar* — Argentina — Setembro.
Revista Militar — Bolivia — Agosto.
Revista del Circulo Militar del Perú — Agosto e Setembro.
Alerta! — Uruguay — Setembro.
Brasil armado — Rio de Janeiro — Setembro.
Mexico — (1 volume) Seus recursos actuais. Sua situação actual.
El Ejercito Nacional — Equador — Numero 30.
Revista Maritima Brasileira — Rio de Janeiro — Fevereiro.
Revista da Escola Militar — Realengo — Numero 4.
Hylwa — Porto Alegre — Julho.
Archivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro — (1 vol.)
Boletim do Club Naval — Rio de Janeiro — 3.º trimestre.

PELA BIBLIOTHECA DO OFFICIAL

LIVROS INDICADOS

— *Artilharia — Exercícios na carta* do Major A. Sílio Portella. Já nos externámos sobre este livro indispensavel principalmente aos alumnos das E. E. M. e E. A. O. — Encontrado na Papelaria Macedo.

— *Manuel du Gradé d'Infanterie* — 1926 — Corresponde ao antigo Manuel do Chef de Section, com todos os regulamentos necessarios aos graduados da Infantaria para cumprirem suas missões e por isso o aconselhamos aos officiaes de infantaria.

— *Le Combat des petites unités* — Cmt. Gérin — E' um estudo methodico dos regulamentos da Infantaria, por meio de casos concretos e demonstração dos processos de instrucção da companhia e tabalhão. E' talvez o melhor livro no genero e pode prestar excellentes serviços aos coroneis, commandantes de batalhã e capitães de infantaria.

— *L'Artillerie nouvelle* — Cap. Thousvencir — Eis um livro obrigatorio na bagagem dos artilheiros, porque é excellente auxiliar para as resoluções technicas da arma.

— *Ce que tout officier doit savoir de l'Artillerie* — Chef d'esc. La Porte du Theil. — Estudo resumido dos processos technicos e das possibilidades da artilharia, este trabalho responde cabalmente aos officiaes de infantaria quando estes perguntam a si mesmo o que podem esperar da artilharia, orientando-os no emprego da arma irmã. Além disso o livro vem illustrado com dois casos concretos a titulo de exemplo.

Todos estes livros são encontrados na Livraria Briguier á rua S. José n.º 38.

EXPEDIENTE

«Aos redactores effectivos cabe a responsabilidade da edição, aos colaboradores a das opiniões que emittirem em seus artigos» (art.º 7 dos Estatutos do Grupo Mantenedor).

REPRESENTAÇÃO COMMERCIAL

E' nosso representante commercial o prezado patricio Snr. Candido Viegas, chefe do serviço de propaganda da firma Silva Araujo e administrador do Hospital São Francisco de Assis.

AVISO UTIL

A *Gerencia* e a *Secretaria* da nossa revista funcçãoam, das 16 ás 18 horas, do seguinte modo:

— nas 3.^{as}, 5.^{as} e sabbados: GERENCIA (assignaturas, pagamentos, remessa, annuncios, etc.);

— nas 2.^{as} e 6.^{as}: SECRETARIA (collaboração, «sugestões», provas, etc.)

Consultas

No pensamento de corresponder ao apreço com que nos têm obsequiado os nossos camaradas, resolvemos restabelecer a secção de consultas que mantinhámos na «A Defesa Nacional».

As consultas deverão ser feitas em forma concisa e clara.

PREÇOS DAS ASSIGNATURAS

Semestre	9\$000
Anno	18\$000

TABELLA DE PREÇOS DOS ANNUNCIOS

CAPA EXTERNA

1 Pagina	300\$000
1/2 Pagina	150\$000

FOLHAS INTERNAS

1 Pagina	100\$000
1/2 Pagina	60\$000
1/4 Pagina	35\$000

CAPA POSTERIOR

1 Pagina	180\$000
1/2 Pagina	100\$000
1/4 Pagina	60\$000

FOLHAS COLORIDAS DENTRO DO TEXTO

Impressão de um só lado	120\$000
Impressão dos dois lados	150\$000

SALGADO GUIMARÃES & CIA.

Fornecimentos militares — Fazendas por atacado
Sirgueiros, Corrieiros, Arrieiros.

Grandes Officinas de Typographia, Lithographia,
Encadernação, Pautaço, Timbragem, etc.

Papelaria, Objectos para escriptorio, Livros para escripturaço,
Artigos para desenho.

26, Rua da Quitanda, 26

Telephone Central 4364

RIO DE JANEIRO

NEURASTHENIA

Contra todas as manifestações

Neuro-Sôro

Silva Araujo

BASE: Glycerophosphato de Sodio
e Strychnina - Cocodylato.

CAMISARIA AURORA

Confecciona-se camisas, collarinhos, ceroulas, cuecas, pyjames, etc.
com a maxima perfeição e brevidade
a preços reduzidos.

RECEBE-SE TODA E QUALQUER ENCOMMENDA

C. L. TAVARES & C.^{IA}

Avenida 28 de Setembro, 418

VILLA IZABEL

RIO DE JANEIRO

Domingos Joaquim da Silva & Cia. Lda.

Endereço Telegraphico: **"DOVA"**

MADEIRAS E MATERIAES

Pinhos Riga, Sueco e Americano — Madeiras do Paiz de todas as qualidades
Tijolos, Telhas, Cimentos PORTLAND, DOVA e BRANCO, Cal, Ladrilhos,
Chapas onduladas galvanizadas, Vigas de aço, etc. etc.

GRANDES ARMAZENS E SERRARIA

PRAIA DE S. CHRISTOVÃO N: 4 A 12

TELEPHONE VILLA 25

ESCRITORIOS: { RUA S. PEDRO, 54 — Telephone Norte 479
 { "CENTRAL": PRACA DA IGREJINHA, 22 — Telephone Villa 2273

FILIAL: RUA IMPERIAL, 89 — Telephone Jardim 1070

Historia Militar do Brasil

pelo

Cap. Genserico de Vasconcellos

SEGUNDA EDIÇÃO

Um grosso volume in-8.º com 600 pgs. de texto em composição compacta e grande numero de mappas a cores fóra do texto

PREÇO : } em broc. 12\$000
(livre de porte) } encader. 15\$000

Livraria Francisco Alves

Paulo de Azevedo & Cia.

Rio de Janeiro — R. do Ouvidor, 166

São Paulo — R. Libero Badaró, 129

Bello Horizonte — R. da Bahia, 1055

EMPRESA S. A. "BRAZIL RECLAME"

RUA DO ROSARIO, 129 - 4º andar, sala 6

A empresa S. A. «Brazil Reclame» encarrega-se de varios trabalhos, taes como: Registro de marcas na Directoria de Propriedade Industrial. — Approvação de preparados e registro de diplomas no Departamento Nacional de Saudê Publica. — Qualquer negocio nas Repartições Publicas Federaes e Municipaes. — Representações. — Commissões e Consignações. — Hypothecas.

PROPAGANDA DE QUALQUER ARTIGO, etc., etc.

Representante de varios productos e encarregada de negocios de varios Estados, especialmente de S. Paulo, a S. A. «Brazil Reclame» acceita incubencias de todos aquelles que a queiram honrar com seus favores offerecendo solidas garantias sobre as suas transacções commerciaes.

Acaba de sair do prélo:

Noções de Topographia de Campanha

PELO

Ten. Cel. Paes d'Andrade

Obra muito util especialmente aos officiaes
subalternos e inferiores dos corpo de tropa.

A' venda na Redacção de A DEFESA NACIONAL
e na PAPELARIA MACEDO, Rua da Quitanda, 74 - RIO DE JANEIRO

Preço (exclusive porte do correio) — 5\$000

Guia do Commandante do Grupo de Combate

T. Cel. Paes de Andrade e Ten. Pavel

Tratando de tudo o' que compete saber ao seu
commandante para bem dirigir a sua pequena
unidade quer na paz quer na guerra.

Preço 5\$000

NOTA — A' venda na A Defesa Nacional
á rua da Quitanda, 74 - Rio

Os pedidos de fóra devem vir acompanhados de
um sello de 500 rs. para a remessa.